



# ANUÁRIO HERÁLDICO



REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS  
Palacio da Roccha do Conde d'Obidos — LISBOA

Composto e impresso no  
CENTRO TIP. COLONIAL—L. d'Abegoaria, 27

I VOLUME — ABRIL — 1928 — NUMERO IV

## ARMAS DE DOMINIO

### SANTAREM

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas e aprovado em Sessão de 3 de Fevereiro de 1926, pela Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes.

COM origem particular, appareceu ha tempos na Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes, um pedido para serem estudadas as armas e o estandarte da tradicional e historica Cidade de Santarem.

Estã de hã muito estabelecido na mesma Secção de que só se formularão pareceres em face de pedidos officaes e então, seguindo esta praxe solicitou-se que oficialmente fosse este caso tratado.

De facto assim succedeu e nos seguintes termos:

Camara Municipal de Santarem. N.º 403. Proc. 22. Ex.º Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. Lisboa. Encarregado pelo Senado Municipal deste Concelho, na sua Sessão de 4 do corrente, venho por esta forma muito reconhecidamente, em nome da Camara, agradecer a solicitude com que pela Associação da sua mui digna Presidencia, foi recebido o pedido, embora particular, do vereador deste municipio Ex.º Sr. Francisco dos Santos Serra Frazão, acerca das cores heraldicas do municipio de Santarem; se se pode adquirir o desenho do verdadeiro e legitimo castello heraldico; quaes as cores e armas da Vila de Alcanede, antigo concelho, e da antiga Villa e concelho de Pernes, e como deveriam ser as do Pombalinho. Mais me encarrega o mesmo Senado, de solicitar de V. Ex.ª a gentileza de me informar sobre as conclusões a que chegou a Associação da sua digna presidencia sobre o assunto, favor este que antecipadamente em nome da Camara muito agradeço, desejando-vos Saude e Fraternidade. Santarem, 9 de Julho de 1924. O Vice Presidente da Comissão Executiva (a) Antonio Pereira de Magalhães.

Como se vê, deseja Santarem que lhe indiquemos certos elementos para a ordenação das armas e deseja conhecer as cores municipaes, que serão tiradas das peças principaes das mesmas armas.

Em pareceres espeziaes, trataremos das armas e estandartes de Alcanede, Pernes e Pombalinho. Por agora tratemos de Santarem.

Esta cidade, cheia de historia e de tradições em todos os tempos, pela sua situação especialissima de se encontrar naturalmente defendida, na margem do Tejo, como uma sentinela vigilante, no caminho por terra e pelo rio entre Lisboa e o norte, faz parte da historia de Portugal desde a sua fundação, completando em 1947 oitocentos anos que está sob o dominio de Portugal.

D'uma alta importancia do tempo dos Romanos, não querendo falar nas lendas que a cercam em eras mais remotas, Santarem foi a capital de um dos quatro distritos em que se dividia a Lusitania Romana.

Ficava a fortaleza de Santarem na frente da ponte sobre o Tejo que ligava a estrada militar de Lisboa a Mérida capital da Lusitania.

Passando por varias civilizações, Santarem passou ao dominio Arabe no seculo VIII, conservando-se em poder de Godos e Arabes alternadamente, até que a estes ultimos foi tomada por D. Affonso Henriques em 1147.

As armas de Santarem tem sido iguais a varias outras que caracterizam outros dominios que, por terem tambem castellos, passam a ser banalissimas e a confundirem-se.

Felizmente já bastantes destas armas tem sido estudadas pela Secção de Heraldica da Associação dos

Archeologos Portuguezes, que tem procurado diferencia-las umas das outras com elementos que definam factos notaveis da vida das localidades que caracterizam.

Rodrigo Mendes Silva, na sua obra «Publacion General de España sus trofeos, blazones etc, impressa em Madrid em 1645,» já nos descreve as armas de Santa-



Seilo de Santarem segundo este parecer

rem dizendo:— en escudo una torre de tres baluartes sobre aguas; las Reales Quinas a la puerta.—

Depois, Fr. Leão de Santo Thomas, na sua obra «Benedictina Lusitana», impressa em Coimbra em 1651, descreve as armas de Santarem assim:— Tem por armas hua torre com tres baluartes, & hum rio ao pé & sobre a porta do frontespicio da torre as armas Reays.—

Tanto um como o outro chamou torre a um castello e chamaram baluartes ás torres.

O primeiro disse muito bem que estavam as quinas na porta e o segundo disse muito mal que na porta estavam as armas reaes.

É interessante acentuar que nas armas de dominio que caracterizam as povoações portuguezas, quando se incluía por qualquer circunstancia uma referencia ás armas nacionaes, nunca aparecia a orla dos castelos, evidentemente por as quinas serem incontestavel e unicamente portuguezas. Os castellos são de origem Castellhana.

Pelo modo de dizer de Fr. Leão de Santo Thomas, pode deprehender-se que sobre a porta do castello estavam as armas nacionaes completas.

As armas de Santarem, que nada teem do resto da historia da velha cidade, são hoje como eram no seculo XVII, quando ainda não estava minuciosamente detalhada a sua historia de forma a poderem-se colher mais elementos para a ordenação das mesmas armas tornando-as distintas de tantas outras que de longa data teem usado no seu sello um castello e até muitas vezes o mesmo escudo das quinas encimando a porta.

E' absolutamente necessario, tornar as armas de dominio distintas umas das outras de forma a serem reconhecidas sem duvidas, em qualquer sitio que apareçam.

O castello para as povoações que foram muradas e

a torre para aquellas que apenas tiveram: uma fortaleza para a sua guarda, é base corrente de inumeras povoações portuguezas de fundação antiga.

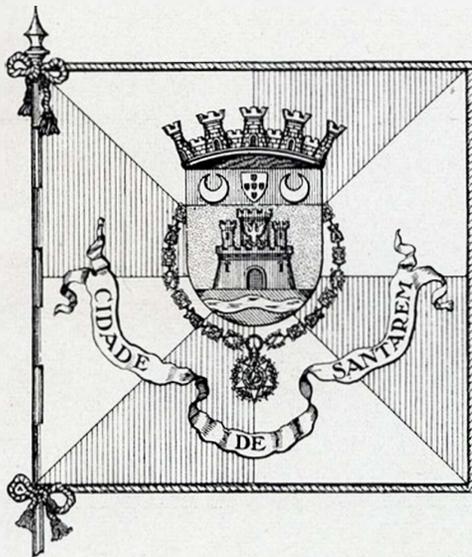
Ignacio de Vilhena Barbosa na sua obra «As Cidades e Villas da Monarquia Portugueza que teem brazão de armas» impressa em Lisboa em 1865, tratando de Santarem diz:— Consiste o seu brazão d'armas em um castello de prata com trez torres em campo azul, e sobre um rio, tendo o castello por cima da porta o escudo das quinas reaes.

Percebe-se que cada um que vai escrevendo, vai accrescentando alguma coisa da sua casa. Este apresenta-nos a côr azul para o campo das armas e a prata para o castello, em todo o caso já vai dizendo que é um castello com trez torres.

Não quer isto porem dizer que esteja bem descripto, pois heraldicamente bastava dizer que era um castello, para se ficar sabendo que tinha trez torres.

Vilhena Barbosa, que se vê pela sua obra que conhecia o trabalho acima citado de Rodrigo Mendes da Silva, pecou muito por completar o que disse este auctor com o que viu illuminado no codice «Tesouro da Nobreza de Portugal» do Rei d'armas India, Francisco Coelho, feito em 1675 e que pertencendo á livraria do Convento de Alcobaça veio para a Torre do Tombo por volta de 1838, onde tem servido para espalhar erros varios sobre as armas de dominio, que este Rei d'armas, ali colleccionou por informação, na maioria dos casos, errada.

As cores empregadas nas armas de dominio, illumi-



Bandeira de Santarem com as cores indicadas heraldicamente

nadas por Francisco Coelho, foram escolhidas sem qualquer criterio, naturalmente apenas para distinguir as peças uma das outras.

Por que razão é que o Castello de Santarem é de prata e o campo de azul?

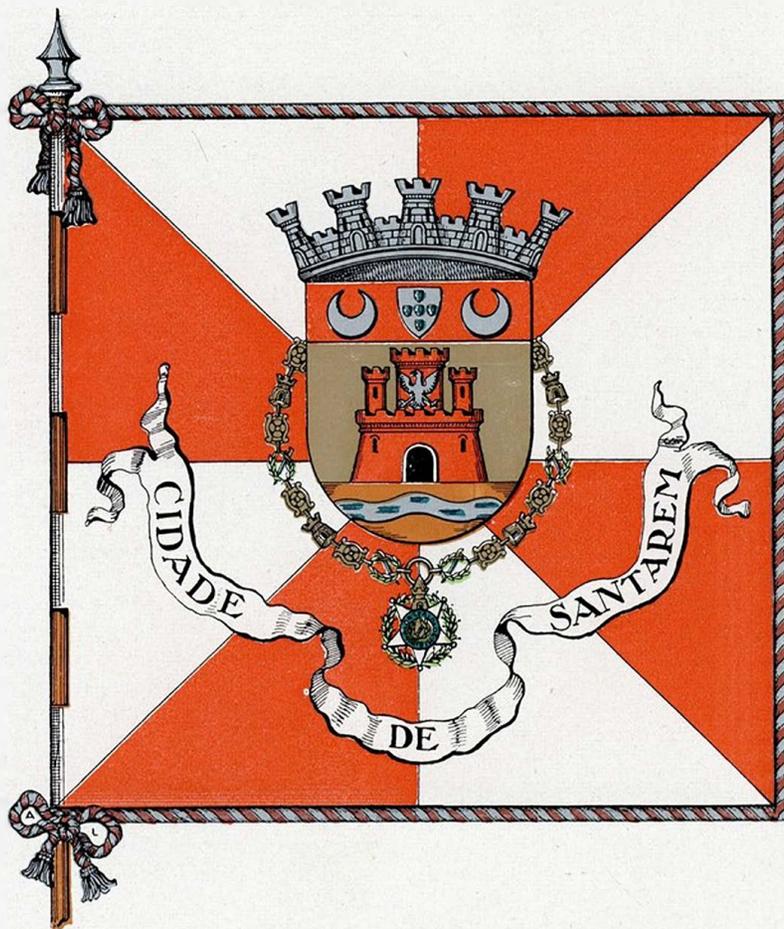
Prata é um metal de segunda ordem indicando riqueza, vencimento, humildade, elegancia, etc. Azul é um esmalte de segunda ordem e significa zelo, caridade e lealdade.

Se não houvessem outros metais e outros esmaltes, claro que não havia melhor, mas temos o ouro que significa fé, fidelidade, poder etc., e temos o vermelho que representa victorias, ardis e guerras.

O Castello de Santarem deve ser vermelho porque de

cutado por um rio de prata aguado de azul. O Tejo deve ser, como aliás sempre tem sido, representado nas armas de Santarem.

Foi Santarem, como acima disse, capital de um dos quatro distritos da Lusitania Romana portanto, na composição das suas armas, deve figurar a águia estendida que simbolizou o Imperio Romano, não esquecendo que tão importante a achou Julio Cesar, que a fez cidade com o seu proprio nome.



Bandeira e armas da Cidade de Santarem

direito, as victorias, os ardis e as guerras dão-lhe todas as condições para heraldicamente ser assim representado.

O Campo das Armas deve ser de ouro porque o poder e a fidelidade que tem demonstrado durante a sua grande historia, justificam perfeitamente o uso deste metal para o seu campo.

O Castello deve assentar num terrado da sua côr

Durante seculos foi Santarem uma notavel cidade Arabe e a esta raça de heroes, foi tomada por D. Affonso Henriques, que assim, com este importantissimo facto guerreiro, firmou a nacionalidade portuguesa, portanto, pelo valor que esta circumstancia tem na historia de Portugal, devem os crescentes mesulmanos figurar nas armas de Santarem.

Proponho pois que o sello da cidade de Santarem e portanto as suas armas sejam :

— De ouro com um castello de vermelho com porta e frestas de negro, tendo a torre central carregada por uma aguia de prata. O Castello assente num terrado de sua côr cortado por um rio ondado de prata, aguado de azul. Chefe de vermelho carregado do escudete das quinas acompanhado de dois crescentes de prata.

— Coroa mural de prata de cinco torres e as armas circundadas pelo colar da Ordem da Torre e Espada com que Santarem é agraciada.

— Bandeira com um metro por lado quarteada de vermelho e de branco, tendo por debaixo das armas uma fita branca com os dizeres «Cidade de Santarem» a preto.



## CARIA

(BEIRA BAIXA)

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas na secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e aprovado em sessão de 25 de Abril de 1923.

**N**ÃO só as Villas e Cidades que teem os seus Municipios na actualidade, tem o direito de ter o seu brazão e portanto o seu estandarte pois que teem o seu selo.

As povoações que já tiveram Municipio ou que não tendo assumido uma tão alta categoria, são em

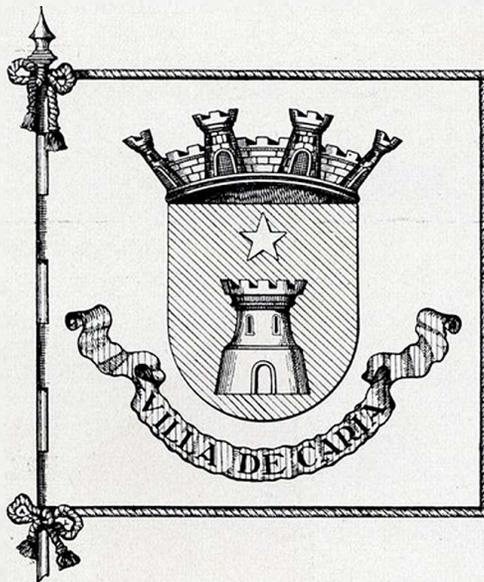


Sello de Caria segundo este parecer

todo o caso notaveis pela sua antiguidade ou pela sua importancia comercial, agricola ou industrial, teem evidentemente toda a razão em desejarem possuir o seu brazão e a sua bandeira que estará depositada na sêde

da junta da freguezia, na regedoria ou emfim na posse da sua auctoridade. (1)

Já Collares, que em tempos foi cabeça de concelho, solicitou da Associação dos Archeologos que lhe fosse estudado o seu brazão, para o que as principais pessoas da terra se reuniram deliberando nomear em um dos



Bandeira de Caria com as cores indicadas heralδικamente

seus habitantes, o seu delegado para levar a cabo tal pretensão.

Caria, povoação da Beira Baixa, tambem deseja possuir o seu brazão e ter o seu estandarte.

E' esta pretensão muito razoavel e muito apreciavel em habitantes de povoações que pelo seu esforço e actividade se sabem impôr ao respeito e consideração das povoações de maior condição.

E' muito natural que as Associações locais, de comercio, beneficencia, recreio, etc., desejem ter na sua bandeira o escudo da sua terra, ou terem o seu emblema particular num estandarte com as cores da bandeira da sua terra.

Foi o Administrador do Concelho de Belmonte, que parece quer fazer vibrar a nota patriotica nas regiões do seu dominio, que veio pedir á Associação dos Archeologos o seu auxilio neste sentido, e, depois de receber o croquis do brazão para Belmonte, dirigiu á mesma scientifica instituição o seguinte officio :

— Serviço da Republica. — Administração do Concelho de Belmonte. — N.º 26. — Belmonte 20 de Fevereiro de 1923. — Ao Ex.ª Sr. Presidente da Direcção da Associação dos Archeologos Portuguezes. Edificio Historico do Carmo. — Lisboa. — Caria, freguezia

(1) Posteriormente á aprovação deste parecer, foi novamente Caria elevada á cathegoria de Villa.

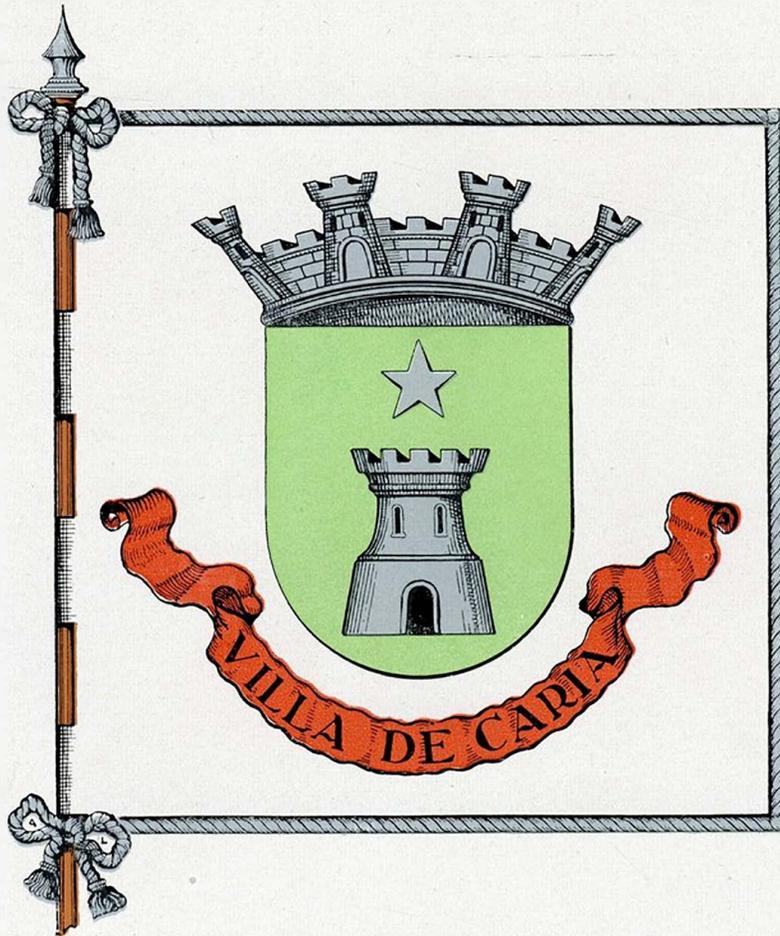
deste concelho, districto de Castello Branco, foi tambem em tempo séde de Concelho. Ignoro se teria Brazão e Bandeira propria e por tal motivo venho pedir a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de se dignar dizer-me o que se lhe oferecer a tal respeito. Sande e Fraternidade. Pelo Administrador do Concelho. — O Secretario da Administração. — (a) *José Rebelo*.

Encarregou-me a Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes de estudar o assumpto, pelo que começarei por dizer que não ha a menor du-

E' a esfera armilar e a Cruz de Christo acompanhando as armas nacionaes que figura, simplesmente por engano, como brazão de quasi todas as terras que ainda não tinham brazão e portanto Foral, antes de D. Manuel I.

Foi um erro muito repetido.

Caria da Beira Baixa, porque ha uma importante Villa de Caria na Beira Alta, e mais pelo menos seis Carias em territorio Portuguez, é actualmente do Concelho de Bel-



Bandeira e armas da Villa de Caria

vida de que Caria, visto ter sido cabeça de Concelho, teve evidentemente a sua Bandeira e nela o seu Brazão.

Foi Concelho por Foral de D. Manuel I, portanto é muito natural que julgassem que os motivos de ornamentação da primeira pagina do Foral, constituiriam o brazão de Caria, como succedeu a quasi todas as terras que tiveram o primeiro Foral, dado por este Rei.

monte, Comarca da Covilhã e Districto de Castello Branco. Teve Foral em 15 de Dezembro de 1512 dado em Lisboa por D. Manuel I.

Teve um Castello, Reduto ou Atalaya, que em tempos foi aproveitado para Casa de Campo dos Bispos da Guarda pelo que era Prazo da Mitra.

Não é este pequeno Castello ou Reduto, exemplar

unico nesta região, pois que tambem pertencente a Belmonte, ha ao norte desta Villa e a mil e quinhentos metros de distancia, uma notavel Torre quadrada, denominada em todo o sempre pelo nome de «Centum Cellas», que ainda ha pouco tinha 22 metros d'altura e que se diz foi construida pelo Rei D. Diniz, tendo porem quem lhe atribua a sua construção aos romanos.

Chamam-lhe tambem a Torre de S. Cornelio por ter proximo uma Ermida desta invocação.

Julgam alguns historiadores antigos que fosse uma Atalaya.

O Castello de Caria, é num pequeno monte em que se disfruta um amplo horizonte e muitas povoações.

E' antiquissima a existencia desta povoação, e o seu nome, segundo as melhores probabilidades é de origem arabe e significa aldeia, villa ou povoação, que os hebreus denominavam Quiria ou Alcaria.

Não sei se a Villa de Caria da Beira Alta tem brazão, mas para que haja uma distincão que caracterise esta Caria da Beira Baixa, deverá no seu brazão figurar uma Estrela por estar junto á Serra da Estrela.

O Brazão da Covilhã tambem tem uma Estrela, pois que é a primeira Cidade que se encosta á serra deste nome e o moderno brazão do Fundão, tambem ostenta a mesma figura heraldica entre outras que o compõem.

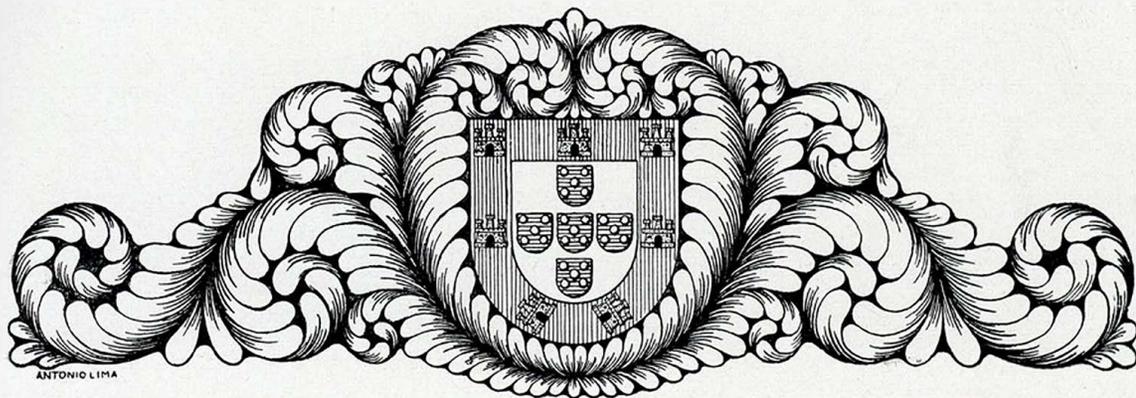
Propomos portanto que o Brazão de Caria da Beira Baixa, seja assim constituido:

— *Em campo Verde, uma torre de prata. Em chefe uma estrela do mesmo metal.*

A Bandeira deve ser branca por ser a côr das suas peças e deve medir um metro por lado não incluindo nestas dimensões, a bainha onde entra a haste que a sustem. Por debaixo das armas, fita vermelha com letras pretas.

Sempre que existir um Castello na povoação que deseja restaurar ou crear o seu brazão, deve este figurar na sua composição e assim concentra o Brazão de Caria na sua composição os elementos da sua historia e da sua situação junto á Serra da Estrela.





# As tapeçarias do Rei D. Affonso V

## ELEMENTOS PARA A SUA RESTAURAÇÃO

### MISSÃO OFICIAL DE ESTUDO A PASTRANA

**R**ECONHECENDO a Associação dos Archeologos Portuguezes, que a continuação do estudo directo a fazer nas tapeçarias de D. Affonso V, era da maior utilidade, resolveu dirigir o seguinte officio a Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Dr. Alfredo de Magalhães :

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Ministro da Instrução Publica. — Entre os mais notaveis documentos para a historia da acção Portugueza em Marrocos no Reinado de D. Affonso V avultam as collossaes tapeçarias que o mesmo rei ofereceu ao duque do Infantado e que ainda actualmente existem na igreja de Pastrana em Hespanha. O socio titular da Associação dos Archeologos Portuguezes Sr. Affonso de Dornellas, entregou-se ao estudo d'essas tapeçarias, tendo já realizado algumas communicações referentes ao assumpto na Academia das Sciencias de Lisboa, n'esta Associação e no Congresso Scientifico de Cadiz effectuado em Maio ultimo. Depois de grande investigação sobre a historia dos pannos, a respeito da qual publicou um livro e varios artigos em jornaes, realizou na nossa Associação, em Julho passado, uma brilhante conferencia, a que se dignou assistir Sua Excelencia o Senhor Presidente da Republica, apresentando a reconstituição colorida dos seis documentos tecidos que foi recebida e examinada com os maiores louvores pela numerosa assistencia. Quatro das tapeçarias, occupando uma area de 200 metros quadrados, estão a desfazer-se dia a dia, e por completo desaparecerão em curto prazo. Duas, que medem 100 metros quadrados, estão um pouco melhor conservadas no tecido mas bastante deterioradas no colorido. De tudo restará apenas em pouco tempo a reconstituição pictural feita por Affonso de Dornellas, rigorosa e documental illuminura que occupa uma area de cinco metros quadrados approximadamente. Para completar este trabalho e poder executar um novo estudo sobre a identificação das pessoas que figuraram nas façanhas de D. Affonso V em Africa, necessita o Sr. Affonso de Dornellas de voltar a Pastrana em Hespanha, fazendo-se acompanhar de um photographo que contrataria em Madrid. Em Pastrana necessita demorar-se dez dias, pelo menos, pois o estudo que ahi vae fazer é do mais minucioso; e, como acima foi re-

ferido a V. Ex.<sup>a</sup>, a area occupada pelas tapeçarias a estudar é de 300 metros quadrados approximadamente. Ellas tem de ser desmontadas da Igreja onde se encontram e transportadas para o seu exterior, onde serão montadas em andaimes para photographar varios trechos que estão em pessimo estado. As despesas a fazer com tudo isto, attendendo á differença do cambio entre os dois paizes, podem ser calculadas em oito mil escudos. A epocha para effectuar o mencionado estudo não pode ir além do principio de Outubro, para aproveitar os dias claros. Está a Associação dos Archeologos Portuguezes, a que tenho a honra de presidir, interessada em alto grau com este problema de archeologia artistica, da maior importancia nacional e mundial. Não pussue porém recursos para acudir ás necessarias despesas, pelo que vem sollicitar de V. Ex.<sup>a</sup> que, em attenção á mesma Associação e pela grandeza do fim em vista, seja entregue ao seu referido socio titular, Sr. Affonso Dornellas, o orçamentado subsidio de oito mil escudos, a fim de poder completar a sua obra de reconstituição e identificação das citadas tapeçarias de D. Affonso V hoje classificadas como excepcionalmente notaveis e que, sendo coetaneas dos factos que representam, estão cheias de retratos de guerreiros Portuguezes d'aquella epocha, constituindo documentos primacias da nossa grandeza passada. — Saude e Fraternidade. — Lisboa, Edificio Historico do Carmo, sede da Associação dos Archeologos Portuguezes em 27 de Agosto de 1927. — O Presidente, (a) *Xavier da Costa*.

Entregue este officio na Direcção Geral do Ensino Superior do Ministerio da Instrução Publica, foi n'elle exarado um desenvolvido parecer enaltecendo o valor historico do estudo a continuar e enaltecendo com excessivas amabilidades a acção que tenho tomado no assumpto.

A Repartição respectiva de contabilidade tambem se manifestou d'uma forma muito gentil.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro lançando o seu «Concordo», considerou de utilidade a minha nova viagem a Pastrana.

A. D.

## RELATO FEITO EM HESPAÑA DA MISSÃO DE ESTUDO A PASTRANA

Relato presentado a su Excelencia el Sr. Ministro de Instrucción Pública de España, referente a la reconstitución de dichas tapicerías, por Alfonso de Dornelas, en Madrid en 23 de Octubre de 1927, traducido por Don Mariano Ferrer Bravo, Comandante de Infantería, Abogado e Académico correspondiente de la Real de la Historia.

**D**EDICANDOME desde hace muchos años al estudio de la epopeya Portuguesa en Marruecos, por casualidad tuve conocimiento de que en Pastrana (Guadalajara) existían tres tapices representando la conquista de Arcila, por Don Alfonso V de Portugal en 1471.

Tras de dificultades, conseguí fotografías, so tan solo de los tres citados tapices sino también de otros tres que en dicha Colegiata existen, y tuve la sorpresa de comprobar que estos últimos se referían igualmente a episodios ejecutados por Don Alfonso V en Marruecos.

A pesar de haber afirmado varios escritores y críticos de arte Portugueses, que solo los tres primeros representan hazañas realizadas por dicho Rey, yo, en conferencias que di en la «Academia de Ciencias de Lisboa», y en la «Asociación de Arqueólogos Portugueses», demostré el valor extraordinario que tenían los seis tapices regalados por Don Alfonso V de Portugal, al 2.º Marqués de Santillana, cuando aquel Rey casado en Zamora con Dona Juana, hija de Henrique IV de Castilla, pretendía ser aclamado soberano deste Reino.

En mis conferencias lo demostré minuciosamente, además en mi libro, del que acompaño un ejemplar titulado «As Tapeçarias de D. Affonso V foram para Castella por oferta d'este Rei», editado em Lisboa en 1926.

Como estos magníficos tapices están muy deteriorados, no solo en el tejido, sino también en el color, pensé en trasladarme a Pastrana, recogiendo allí el mayor número de elementos de su probable colorido, para intentar hacer un croquis detallado e minucioso.

Para este fin, fui a Pastrana en Marzo del pasado año, y ya en Lisboa hice unas ampliaciones de 1<sup>m</sup>,50 x 0<sup>m</sup>,60 aproximadamente de cada uno, realizando a lápiz todas las figuras, para darles luego color a la acuarela al objeto de dar a conocer lo que a simple vista es imposible apreciar por estar excesivamente deteriorados, llenos de manchas de aceite y cera, rotos y faltos de bastantes trozos.

Esa monumental colección (única en el mundo), la componen seis tapices, representando los dos primeros la conquista de Alcázar-Ceguer; los tres siguientes la de Arcilla, y el último la ocupación de Tánger.

Tras un continuado trabajo de quince meses, conseguí obtener seis cartones iluminados, a los que me permito llamar «Una reconstitución»; dando sobre este asunto una conferencia en la Asociación de los Arqueólogos Portugueses a la que asistió, el General Don Oscar Carmona, Presidente de la República Portuguesa. (1)

En esa conferencia manifesté el deseo de volver a Pastrana para aclarar algunos detalles que la fotografía no definía e intentar hacer la identificación de las personas que allí figuran, y al mismo tiempo certificar-me de los colores heráldicos de las banderas y estandartes.

He de hacer notar, que estos seis tapices son los más notables del mundo, porque siendo del siglo XV, representan hechos coetáneos a la fecha de su ejecución.

Alcazar-Ceguer fué tomado el 23 de Octubre de 1458 (cumplense hoy 469 años); Arcilla em 24 de Agosto de 1471, y Tánger fué ocupado cinco días después.

En Diciembre de 1474 debió el 2.º Marqués de Santillana haber entrado en posesión de las citadas tapicerías, siendo por tanto retratos de Portugueses los que se admiran en ella.

S. E. el Ministro de Instrucción Pública del Gobierno Portugués, reconociendo el alto mérito de estas tapicerías, donde se encuentran figuras de centenares de Portugueses, en las que la indumentaria de aquella época está maravillosamente representada, y en conocimiento de mi ya referido trabajo, resolvió enviarme a España en «Misión especial» según atestigua el pasaporte que poseo registrado al n.º 368, firmado por dicho Ex.º Señor Ministro en el que de manera especial se especifica «se dirigirá a Pastrana em missão oficial de estudo subvencionado pelo Governo Português». (2)

De esta manera me dirijo a Pastrana, con la idea de identificar las personas, y sobre todo estudiar un gran remiendo que existía en el tapiz que representa la ocupación de Tánger, y que había sido motivo de una larga discusión en la prensa Portuguesa, juzgando yo que por ese remiendo se podría averiguar con certeza que se trataba de la traslación de los restos mortales del Infante Santo Don Fernando, que había sido cautivo de los Moros en el reinado de Don Duarte.

Para llegar ao conocimiento de la verdad rogué al ilustre capellán de la Colegiata de Pastrana, Don Eustoquio Garcia, me permitiese decolgar el tapiz referido, donde se encontraba el remiendo, com amabilidad,

(1) D'estas photographias desenhadas e aguareladas foram publicadas reproduções a paginas 18-32 d'este volume, juntamente com a publicação da comunicação feita na Associação dos Archeologos em 25 de Julho de 1927.

(2) Por erro de tradução diz-se que foi o Ex.º Sr. Ministro da Instrução que assinou este passaporte, quando está assinado por Sua Ex.ª o Sr. Ministro do Interior, entidade a quem compete conceder passaportes desta natureza.

nunca olvidada, lo verifiqué, y me encontré con la sorpresa enorme de que en el respaldo existían cosidos numerosos pedazos de tapiz para reforzar las partes estropeadas. Aquellos pedazos representaban, fraibles pa-

Inmediatamente comprendí a donde pertencían aquellos ricos pedazos, y rebuscando en los seis que componen la colección, logré reunir más de quinientos, de todos tamaños, correspondiendo 256 fragmentos a las



REPÚBLICA PORTUGUESA  
(RÉPUBLIQUE PORTUGAISE)

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
(MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR)

REPARTIÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA  
(BUREAU DE LA SURETÉ PUBLIQUE)

**Passaporte de missão especial** n.º 368  
(Passport de mission spéciale.)

O Ministro do Interior da República Portuguesa coga a todas  
Le Ministre de l'Intérieur de la République Portugaise prie les

as autoridades civis e militares dos Estados estrangeiros amigos ou  
autorités civiles et militaires des États étrangers amis ou

aliados de Portugal que deixem passar livremente o Sr. J. Santos  
alliés de Portugal de laisser librement passer Mr.

de Donde se refere a todos os Estados que se lhe  
funcionários estrangeiros

que se dirige a Pastrana (Sopranos), com missão  
allant

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e que lhe prestem todo o auxilio e protecção em caso de necessidade.  
et do lui donner aide et protection en cas de besoin.

Térmo da validade | 31 de dezembro de 1927  
Expiration

O presente passaporte é dado em Lisboa, aos | 6 de  
Ce passeport a été délivré à Lisbonne, le

outubro de 1927.

O Ministro do Interior,  
Le Ministre de l'Intérieur,

José Vicente de Freitas

Assinatura do portador,  
Signature du porteur,

J. Santos

Este Passaporte tem no verso o seguinte: — Registado no livro 1 n.º 9/368. Direcção Geral da Segurança Publica, em 3 de Outubro de 1927. O Director Geral (a) Machado Pinto. — Republica Portuguesa. Serviços de Emigração. Zona Sul. 9 de Outubro de 1927. Saida. Beiram. O agente (a) J. Santos. — Inspeccion de Vigilancia. Passaportes. 9 Oct. 1927. Entrada Valencia de Alcantara. — Embaixada da Republica Portuguesa em Madrid. Visto n'esta Embaixada aos 10 de Outubro de 1927. (a) J. de Melio Barreto. Embaixador. — Inspeccion de Vigilancia. Passaportes. 26 Oct. 1927. Salida. Valencia de Alcantara. — Republica Portuguesa. Serviços de Emigração. Zona Sul. 2º Out. 1927. Entrada. Beiram. (a) . . . .

ramentos de igreja, armas e emblemas militares, etc., de la misma calidad de los tapices, y ademas outros pedazos de restos de vestiduras de clérigos y paramentos de iglesia.

mismas tapicerías. He de hacer constar que todos estos tapices están incompletos, y que están colgados de una cuerda sujeta en la parte superior.

En resumen estuve diez dias en Pastrana trabajand

desde las 7 de la mañana a las 8 de la noche, con solo el intervalo de una hora, o sean doce horas por día, dando un total de 120 en dichos diez días; ayudandome en esta labor seis hombres que cosian los fragmentos de forma que se pudiese apreciar lo mejor posible la reconstitución.

Para la mejor conservación de tan ricos presentes, mandé a coser en la parte alta, tiras de fuerte lona, como igualmente verticales para así impedir se terminasen de romper por el peso, siendo todos ellos forrados de arpillera, y ya reforzado se le colocó la cuerda de donde penden.

Describiré la labor de reconstitución realizada en cada uno de los tapices:

1.º — Representa el desembarco en Alcazar-Ceguer. Media  $9^m26 \times 3^m70$ , despues de agregarle treinta e un pedazos y desdoblar la banda superior, quedó con  $10^m26 \times 4^m05$ . Antes tenia  $34.^m 2620$  y ahora  $41.^m 5530$ , habiendolo aumentado en  $7.^m 2910$ .

2.º — Representa la entrada en Alcazar-Ceguer, media  $7^m25 \times 3^m70$ ; le agregué 71 pedazos, desdoblé la banda superior y quedó con  $10^m25 \times 4^m$ . Su area anterior era  $26.^m 8250$  y ahora es de  $41.^m 3$  con un aumento de  $14.^m 2750$ .

3.º — Representa el desembarco en Arcila, media  $10^m00 \times 3^m56$ . Le cosí en el centro tres pedazos que le faltaban, desdoble en la parte alta una banda de  $10^cm$  e de  $7^cm$  que tenia doblado en su anchura quedando en  $10^m,10 \times 3^m65$ . Antes tenia  $35.^m 60$  y hoy tiene  $36.^m 6630$  o sea un aumento de  $1.^m 0630$ .

4.º — Representa el bombardeo de Arcila, no tenia visible inscripción como los otros referentes a la misma plaza, más logré descubrir una parte de la leyenda, compuesta por una linea completa y otra cortada por el medio en toda la longitud. Media  $10^m20 \times 4^m34$ : Le agregué 11 remiendos al medio y desdoblé una tira en toda su longitud por la parte superior, quedando en  $10^m20$  de ancho por  $4^m72$  de alto. Su area era de  $45.^m 1360$  y hoy es de  $49.^m 0880$ , con un aumento de  $3.^m 9520$ .

5.º — Trata del asalto a la plaza de Arcila, con  $10^m58 \times 3^m65$ . Se colocó en el medio un pedazo y se descosió todo el doblez de la parte superior quedando en  $10^m69 \times 3^m78$ . Su tamaño era de  $38.^m 6170$ , en la actualidad  $40.^m 4080$  con un aumento de  $1.^m 7910$ .

6.º — Representa la ocupación de Tanger midiendo  $10^m30 \times 4^m00$ . Se le agregaron 28 trozos y se desdobló la parte remetida en el lado superior, quedando con  $10^m65 \times 4^m30$ . Su medida anterior era  $41.^m 20$  y ahora es de  $45.^m 7950$ , ou sea un aumento de  $4.^m 5950$ .

Haciendo un resumen se aprecia en el siguiente cuadro el número de pedazos agregados y los metros cuadrados de tapicería que ellos representan:

1.º tapiz	31 pedazos.....	$7^m 2910$
2.º »	71 » .....	$14^m 2750$
3.º »	3 » .....	$1^m 0630$
4.º »	11 » .....	$3^m 9520$
5.º »	1 » .....	$1^m 7910$
6.º »	28 » .....	$4^m 5950$
	145 » .....	$32^m 9670$

Asi es que coloqué en las tapicerías de Pastrana 145 pedazos que le faltaban aumentando su area total, que era de  $221^m 54$ , em  $32^m 9870$ , alcanzando hoy la importante cifra de  $254^m 5070$ .

Al tapiz que representa el asalto de Arcila le falta una tira en toda su longitud por la parte de abajo, entre los pedazos que han quedado sin colocar existen algunos de esta parte que faltan pero no casan completamente.

Muchos otros pedazos de insignificantes dimensiones no hubo manera de ligarlos, aunque sabemos pertenecen a los tapices referentes a la tomada de Alcazar-Ceguer, y al bombardeo de Arcila, y para que no se extraviasen, los dejé cosidos en tres lienzos blancos, que mede cada uno  $2^m00 \times 0^m81$ . En el primero quedan 34 pedazos, en el segundo 25 y en el tercero 52.

Han sido aplicados en su sitio 145 pedazos, 111 por fijar, arrojando un total de 256 trozos que han sido los encontrados por mi en Pastrana.

## OBJECTOS PRECIOSOS BIZANTINOS Y GOTICOS

Aprovecho esta somera información para referirme a las riquísimas maravillas que allí existen y que son propiedad de la misma Colegiata, joyas desconocidas de los hombres que se dedican a estos estudios.

Allí se encuentran esmaltes bizantinos; cruces, numerosos cálices góticos; marfiles admirables; paramentos de terciopelo bordados, y todo quanto es necesario para exequias funerarias en ébano y bronce: en fin objetos de mayor valor artístico que merecen ser admirados por las personas estudiosas. Para Portugal va a ser el conocimiento de estas piezas una verdadera y grata sorpresa, pues todas, o casi todas tienen las armas de la familia de Silva, pues fueron regaladas a la Colegiata por el Arzobispo Don Pedro Gonzalves da Silva y Mendoza, hijo del portugués Ruy Gomes da Silva, 1.º Duque de Pastrana y Principe de Melito.

## PALACIO DE LOS DUQUES

El Palacio de los Duques de Pastrana es un soberbio ejemplar de Palacio fortificado, con suntuosos techos artesonados y admirables azulejos en sus suelos.

Es propiedad de los Padres Jesuitas, siendo de hecho, un estimable monumento, tal vez único en su género.

Qué interesante sería si fuese declarado Monumento Nacional, este maravilloso Palacio que fué del portu-

gués Ruy Gomes da Silva colocando en él las tapicerías que fueron del Rey de Portugal Don Alfonso V, y que representan las hazanas más importantes efectuadas en Marruecos; y en vitrinas todas las piezas de más alto valor artístico y arqueológico que son de la Colegiata de Pastrana, llevando las armas de una de las

ciones pasadas entre España y Portugal, y que hoy mi nación sabría apreciar, teniendo en cuenta el actual estado de verdadera amistad que une a los dos pueblos peninsulares.

V. E.<sup>cia</sup> Señor Ministro de Instrucción Pública de España, apreciará seguramente la inmensa satisfacción



1. Anastasio Gumiel — 2. Julio Gumiel — 3. Mariano Montero — 4. Alfonso de Dornellas — 5. Ramon Gil Miquel — 6. Timoteo Montero — 7. Jacinto Fralle — 8. José María Llamas. — Porta da Egreja da Colegiada de Pastrana onde se encontram as Tapeçarias de D. Alfonso V. Grupo de pessoas que fizeram o concerto provisorio nas mesmas Tapeçarias em Outubro de 1927.

mas nobles casas portuguesas, Silva, unidas a la de los poderosos Mendozas españoles.

Aquel palacio sería un museo de objetos de valor extraordinario, que constantemente recordaría las rela-

que siento, no solo por haber reconstituido las maravillosas tapicerías que sirven de enseñanza a los estudiosos del mundo, sino además encontrando piezas del más alto valor artístico y material, todo dado a España

por portuguezes o por sus hijos. Esa riqueza aumenta el patrimonio artistico de España, engrandeciendo al mismo tiempo la historia de Portugal mi querida patria.

No quiero terminar este modesto relatório, sin poner de manifesto mi profunda admiración por la cultura del Sr. Cura Párroco de Pastrana, Don Eustoquio Garcia; que de manera primorosa, y dentro de la pobreza de la Colegiata, procura organizar un museo con todas aquellas riquezas; lo mismo he de agradecer a todos aquellos curas, padres y personal de la iglesia, que constantemente han sabido cuidar de aquel tesoro sin haberse desprendido de la más pequeña pieza, a pesar del estado lastimoso del templo.

La iglesia necesita reparaciones, el agua destruye los tapices adosados a las paredes húmedas, y solo la fe de aquellos habitantes ha sabido mantener intacta tanta riqueza, prefiriendo ver destruida la iglesia antes de desprendirse de un solo objecto, como por desgracia se ha hecho en otras ocasiones.

Son los habitantes de Pastrana y sus Curas en particular, ejemplo de honradez e de amor patrio, digno de admiración y reconocimiento por parte de los poderes publicos, siendo para ellos una recompensa el restaurarles los maravillosos y en el mundo únicos tapices a que me he referido, y que hoy cubren las húmedas paredes de la monumental Colegiata de Pastrana; reparar el palacio fortificado de los Duques depues de haberlo declarado Monumento Nacional, arreglando los techos y vidrieras para en él exponer los objectos de inmenso valor que posee la Iglesia, fomentando de esa manera una gran fuente de ingresos para el mantenimiento de su brillo, permitiendo esto el que los hombres de ciencia del mundo puedan aprender, admirando tan ricos y valiosos objetos.

Pienso editar um libro en que se contenga quanto de maravilloso he encontrado en Pastrana considerando altamente interessante para la Ciencia Espanhola, la edición de dicho trabajo en idioma Castellano.



#### RELATO FEITO EM PORTUGAL DA MISSÃO DE ESTUDO A PASTRANA

Relatório apresentado por Affonso de  
Dornellas a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Ins-  
trução Publica de Portugal em 1 de No-  
vembro de 1927.

**D**ESDE 1922 que procuro conhecer nitidamente as admiraveis tapeçarias que o Rei D. Affonso V de Portugal offerreceu ao 2.º Marquez de Santilhana, D. Diogo Furtado de Mendonça, depois 1.º Duque do Infantado, quando o mesmo Rei, depois de ter casado em Placencia no dia 12 de Maio de 1475 com D. Joana, herdeira de Henrique IV, se quiz fazer aclamar Rei de Castilla.

Só em 1924<sup>(1)</sup> consegui obter photographias das mesmas tapeçarias que ficaram muito confusas, tendo mesmo partes de difficil decifração devido ás tapeçarias se encontrarem cobertas de pó e de nodos, por terem servido, durante muito tempo, para cobrir o chão da igreja e sacristia de Pastrana em dias de limpeza.

Depois de gastar muitas horas, estudando as referidas photographias com o auxilio de varias lentes, apresentei-as em meados de 1925, na Academia das Sciencias de Lisboa e na Associação dos Archeologos Portuguezes.

Felizmente, outros estudiosos se tinham tambem dedicado ao mesmo estudo.

Sobre o assunto publiquei artigos e fiz as seguintes communicações:

— *Relação entre as tapeçarias de Arzila e os Paineis attribuidos ao Pintor Nuno Gonçalves* — Academia das Sciencias de Lisboa, 11-2-1926. Publicada esta communicação no «Diario de Noticias» de 12-2-1926.

— *Mais tapeçarias de Pastrana referentes a Portugal* — *A Tomada de Alcaccer Ceguer, por D. Affonso V.* — Artigo publicado no «Diario de Noticias» de 20-2-1926.

— *As tapeçarias de Pastrana* — Artigo publicado no «Diario de Noticias» de 23-2-1926.

— *Discussão sobre a classificação das tapeçarias de D. Affonso V.* — Academia das Sciencias de Lisboa, 25-2-1926. — Publicada esta communicação nos jornais «A Epoca» de 26, e «Diario de Noticias» de 27 do mesmo mez de Fevereiro.

— *As tapeçarias de D. Affonso V foram para Castella por offerta d'este Rei* — Associação dos Archeologos Portuguezes, 19-4-1926. Publicada esta communicação em livro. Lisboa, 1926. (2)

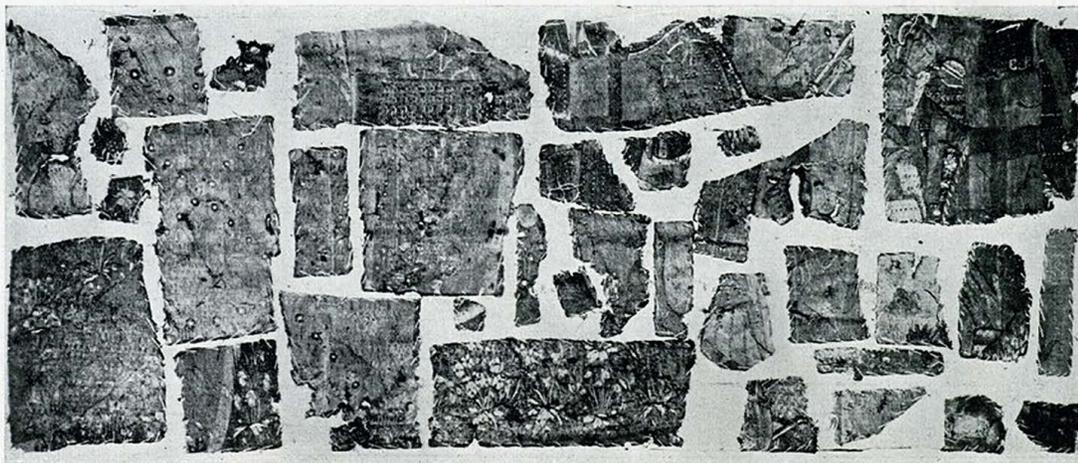
Tinha para mim um duplo interesse o conhecimento minucioso destas tapeçarias, pois que alem de constituirem um assunto artistico do mais alto valor, constituam tambem um grande elemento para os meus estudos sobre a epopeia Portugueza em Marrocos, eficaz escola de guerreiros nos seculos XV e XVI e principalmente o primeiro passo dos Portuguezes em terras de alem mar.

Desde 1908 que me dedico ao conhecimento de tudo quanto interesse a Marrocos, e assim, mesmo antes de fazer parte da Commissão dos Centenarios de Ceuta e Albuquerque, da Academia das Sciencias de

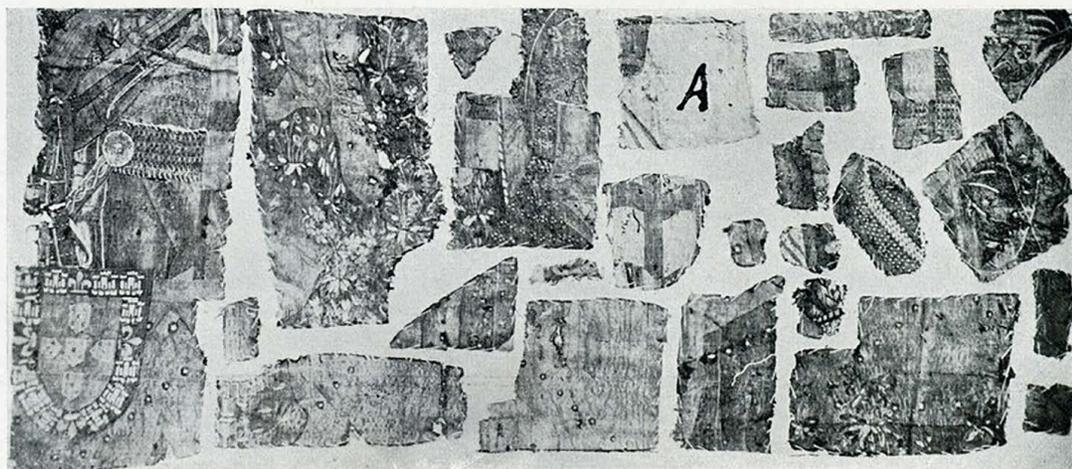
(1) Parte foi em fins de 1924 e outra parte em principios de 1925.

(2) Por esquecimento não inclui aqui a indicação da communicação que fiz em 4 de Maio de 1927, no Congresso Scientifico de Cadiz, com o titulo «O Valor Historico das Tapeçarias de D. Affonso V existentes em Pastrana». (Guadalajara — Espanha). Publicada pela Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Madrid. 1928.

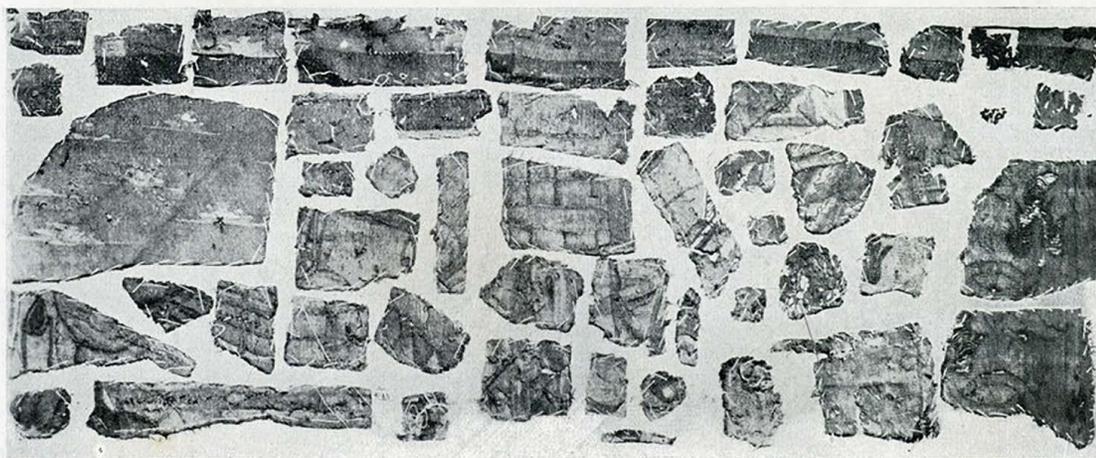
Em 25 de Julho de 1927 fiz na Associação dos Archeologos Portuguezes uma communicação intitulada «As Tapeçarias de D. Affonso V — Tentativa de reconstituição». Publicada a paginas 18 e seguintes d'este volume.



34 fragmentos cosidos n'um panno que mede 2<sup>m</sup> por 0<sup>m</sup>,81 de alto. Pertencem na sua maior parte aos pannos da Tapeçaria de Arzila



25 fragmentos cosidos n'um panno que mede 2<sup>m</sup> por 0<sup>m</sup>,81. Pertencem na sua maior parte aos pannos da Tapeçaria de Arzila. O fragmento A pertence ao panno do assalto onde vae indicada a letra B



52 fragmentos cosidos n'um panno que mede 2<sup>m</sup> por 0<sup>m</sup>,81. Pertencem aos pannos de Alcacer Ceguer, Arzila e Tanger

Lisboa, para onde fui chamado em 16 de Janeiro de 1915, eu iniciei em 1913, uma serie de publicações com a descoberta de uma admiravel planta de Ceuta.

Nos quatorze volumes da minha obra «Historia e Genealogia», publiquei 78 estudos sobre a acção dos Portuguezes em Marrocos.

Resolvi ir ver as tapeçarias de D. Affonso V para melhor poder comprehender as photographias que possuía e assim, em 24 de Março de 1926 cheguei a Pastrana, que fica a 104 kilometros para o norte de Madrid, no interior de muitas serras, e ali estive trez dias em frente d'esses extraordinarios quadros das glorias do Rei D. Affonso V.

Sobre ampliações das photographias referidas, eu procurei indicar a lapiz aquillo que nem a maquina photographica tinha conseguido arrancar e principalmente procurei indicar o colorido que se podia perceber, para poder tentar uma reconstituição que a seguir publicaria com aquellas côres que os tapetes teriam representado quando foram feitos.

De regresso a Portugal, em provas ampliadas das photographias das tapeçarias, medindo aproximadamente metro e meio de comprimento por meio metro de altura, eu defini a lapiz todas as figuras e por fim aguarelei tudo por forma a dar um croquis das 6 tapeçarias tais como tinham chegado á nossa epocha. (!)

Quinze mezes gastei neste trabalho até que o apresentei na Associação dos Archeologos Portuguezes em sessão de 26 de Julho do anno corrente, dignando-se assistir Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. General Carmona, Presidente da Republica e muitas pessoas que muito me honraram com a sua presença.

Na communicação que então fiz, mostrei o desejo de voltar a Pastrana para verificar com mais precisão as côres dos estandartes para tentar uma identificação das pessoas que assignalam e para tentar a possibilidade de distinguir as côres dos cabelos e dos olhos das pessoas que alli apparecem.

Ainda disse que muito interessante seria o verificar com minuciosidade, o grande remendo que na tapeçaria que representa a occupação de Tanger, me fez julgar que esta tapeçaria representasse a entrega dos ossos do Infante Santo D. Fernando.

A Associação dos Archeologos Portuguezes, sentindo como de facto seria interessante que se completasse o meu trabalho de reconstituição e de identificação, solicitou de Sua Ex.<sup>a</sup> o Snr. Ministro da Instrucção Publica que, subvencionado pelo Ministerio a cujos destinos Sua Ex.<sup>a</sup> Preside, eu fosse mandado oficialmente a Pastrana para colher os elementos referidos.

(!) Erradamente, em Portugal, tem-se dado o nome de tapeçaria a um dos panos ou quadros que fazem parte d'uma tapeçaria. Cada tapeçaria pode ser constituída por um ou varios panos ou quadros. Em Pastrana, referentes a D. Affonso V, ha apenas trez tapeçarias: uma de Alcazer Ceguer composta de dois panos ou quadros; uma de Arzila composta de trez panos e outra de Tanger composta apenas de um pano.

O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Ministro da Instrucção Publica, antes de responder ao pedido da Associação dos Archeologos, quiz minuciosamente vêr a minha tentativa de reconstituição, exame a que procedeu em 7 de Setembro ultimo e em face do qual me ordenou que fosse completar o meu estudo, sendo-me para esse efeito dado o passaporte n.º 368 assignado por Sua Ex.<sup>a</sup> o Snr. Ministro do Interior, dizendo que em missão especial, me dirigisse a Pastrana para estudar as tapeçarias.

Em 11 de Outubro ultimo cheguei a Pastrana acompanhado do Archeologo D. Ramon Gil Miquel, conservador do Museu Nacional de Archeologia de Madrid, advogado e distincto photographo, com o fim de photographar o remendo grande da tapeçaria da occupação de Tanger, depois de descosido e de photographar tambem os restos da inscripção da tapeçaria que representa o bombardeamento de Arzila.

O actual Cura da Collegiada de Pastrana, Reverendo D. Eustoquio Garcia, é um padre novo, muito estudioso, muito culto, investigador profundo da historia da velha Collegiada, grande conhecedor do importante arquivo que alli existe, conhecendo admiravelmente as grandes responsabilidades que lhe cabem como detentor de todas as grandes preciosidades alli existentes e que estão á sua guarda, acolheu-me da forma mais cativante após a apresentação que de mim lhe fez o Coadjutor Reverendo D. Felipe Revuelta, que já me tinha acompanhado na minha estada em Pastrana em Março de 1926.

Inteirado do Reverendo D. Eustoquio Garcia, dos meus desejos, immediatamente mandou tirar da parede da Sachristia pequena a metade da tapeçaria da occupação de Tanger e ao estender-se do avêso no chão, verificamos que alem do remendo grande, havia dezenas de trapos de todas as côres e feitos e de variadissimos tamanhos desde um decimetro até meio metro quadrado, que reforçavam a tapeçaria nos pontos mais fracos.

Examinando atentamente esses fragmentos verifiquei com grande surpresa e satisfação, que muitos eram do mesmo tecido da tapeçaria, chegando mesmo a conhecer onde pertenciam alguns d'elles.

Pedi para que a outra metade da mesma tapeçaria fosse tambem desmontada para verificarmos se tambem teria reforços da mesma cathegoria o que de facto se dava.

Foram desmontadas todas as tapeçarias e d'ellas arranquei perto de 600 pedaços dos quais 256 lhes pertenciam.

Depois d'esta operação ficaram muito necessitadas de reparação pelo que resolvi não sair de Pastrana sem que as seis tapeçarias ficassem o mais bem arranjadas possivel.

Adquiri quanta linhagem havia nos poucos estabelecimentos locais, comprei peças de panno crú para tornar bem consistente a reparação, comprei cotim para tapar os maiores buracos e corda para lhe preparar uma forma solida de suspensão.

Contratei 6 homens conhecidos pelo Reverendo Cura

como dos mais geitosos e no dia seguinte ás 6 e meia da manhã iniciou-se tão complicado serviço.

Ha umas dezenas de annos, quando resolveram pendurar nas paredes as referidas tapeçarias, fizeram-lhe na parte superior em toda a extensão umas dobras para lhe cozerem uma corda para facilitar a suspensão.

Como alguns estavam cortados em toda a altura, coseram-nos, não cerzindo, mas dobrando um pedaço de cada lado. Como as ourelas estavam tambem deterioradas, dobraram um pedaço para dentro e então o que é mais curioso, é que varias vezes, na mesma tapeçaria, cortaram pedaços n'uns sitios para remendar n'outros, e depois, para os sitios onde tinham feito os cortes foram buscar pedaços d'outra.

O meu plano foi portanto o seguinte: — Desdobrar todas as bainhas e todas as costuras. Uma faixa larga de linhagem na parte superior. Uma tira larga de panno crú em cada um dos bordos lateraes. Tiras do mesmo panno de espaço a espaço e, nos intervallos, linhagem em toda a largura. Em cima, na linhagem, uma corda cozida com intervallos de dez centimetros para poder ficar bem esticada depois de pendurada.

Depois de toda esta operação feita pelo avesso, voltaram-se e deram-se passagens atingindo os tecidos de reforço e em seguida coloquei os pedaços a que fui encontrando sitio.

Onze dias levou este trabalho, não se perdendo um minuto desde as seis e meia da manhã até ás 12 e desde as 13 ás 20, sendo este serviço feito á luz de velas desde as 17 horas.

Apenas houve descanso nos domingos 16 e 23. Os dias de trabalho foram de 12 a 15, de 17 a 22 e em 24.

N'este ultimo dia já não assisti por ter ido para Madrid em 22 á tarde, ficando D. Ramon Gil Miquel assistindo ao resto do concerto da ultima tapeçaria que por acaso foi a referente ao assalto de Arzila.

Foi um trabalho extenuante por ter sido todo feito no chão e no meio da enorme poeirada que cobria as tapeçarias.

Todas as despesas foram pagas com o subsidio que recebi do Ministerio da Instrucção ate seu exgotamento tendo eu pago por minha conta as restantes despesas.

Cheio de satisfação pela obra feita, não só de reconstituição em grande parte das tapeçarias, como por as ter deixado concertadas e reforçadas por forma a resistirem muito tempo, tomei ainda conhecimento das riquissimas peças de culto, do mais alto valor artistico e material e do mais importante valor historico para Portugal.

A igreja de Pastrana na sua antiguidade era gothica, sendo ampliada com extraordinaria grandeza pelo Arcebispo Bispo D. Pedro Gonzalez da Silva e Mendonça, filho do Portuguez Ruy Gomes da Silva que nasceu na Chamusca em 1516 e que aos 10 annos de idade, como Pagem, acompanhou a Infanta D. Izabel, filha do Rei D. Manuel I, quando esta Princeza foi casar com o Imperador Carlos V.

Ruy Gomes da Silva, grande personagem do Reinado de Felipe II de Castilla, casou com a Princeza de Melito, D. Ana de Mendonça e Lacerda, filha herdeira do Principe de Melito e Duque de Francaviila, D. Diogo Furtado de Mendonça que era proprietario do sumptuoso palacio fortificado de Pastrana.

Ruy Gomes da Silva foi o 1.º Duque de Pastrana e entre os seus muitos filhos teve D. Pedro Gonzalves da Silva e Mendonça, o Arcebispo Bispo que deu as maiores preciosidades á igreja de Pastrana.

Outros Duques de Pastrana, descendentes do primeiro, continuaram sempre oferecendo peças de culto e de ornamentação do mais alto valor artistico e material.

Esmaltes bisantinos, cruces gothicas de christal de rocha, cruces monumentaes de prata dourada, calix de varias especies e feitos, crucifixos de marfim de rica esculptura, porta paz e todos os mais objectos necessarios ao culto. Paramentos de rico terciopêlo, ricamente bordados e em grande quantidade pois chegou a haver trinta e oito padres na Collegiada, emfim, um monumental museu do mais alto valor historico para Portugal visto que as peças metalicas teem gravadas as Armas dos Silvas e os paramentos teem as mesmas Armas bordadas.

Tudo isto, e muito mais, está absolutamente desconhecido dos estudiosos, pois nada tem constado na propria Hespanha sobre taes preciosidades e mesmo a maioria das peças do culto, estiveram durante quarenta e cinco annos escondidas na propria igreja com receio de que as levassem para muzeus. (1)

Hoje tudo está á vista, estando desde já o Reverendo Cura D. Eustoquio Garcia a organizar um muzeu para que todas estas preciosidades possam ser admiradas pelos estudiosos.

Na Villa de Pastrana existe um Convento de Padres Franciscanos onde se ensina Theologia aos noviços e onde ha homens de uma grande cultura.

Entre elles existe o Reverendo Padre Frei D. Lourenzo Pérez, que já tanto me auxiliou nos meus estudos da primeira vez que estive em Pastrana e que agora me indicou uma serie de documentos existentes no Arquivo da Collegiada, referentes ás tapeçarias e aos objectos do Culto oferecidos pela familia dos Duques da Pastrana.

(1) Não conheço qualquer trabalho sobre estas admiraveis peças do culto, portanto considero-as quasi desconhecidas, salvo de meia duzia de pessoas que as teem visto todas e das quaes apenas o Illustre sabio do Paiz vizinho, sr. D. Elias Tormo y Monzó, fez uma brevissima referencia ás mil reliquias que D. Pedro Gonzalez da Silva e Mendoza deixou á Collegiada de Pastrana, no Boletim de la Sociedad Española de Excursiones (Tomo XIV, Janeiro a Dezembro de 1906). D. Elias Tormo tambem não deve conhecer senão um pequeno numero das mesmas peças, por só á pouco tempo terem sido tiradas d'um esconderijo.

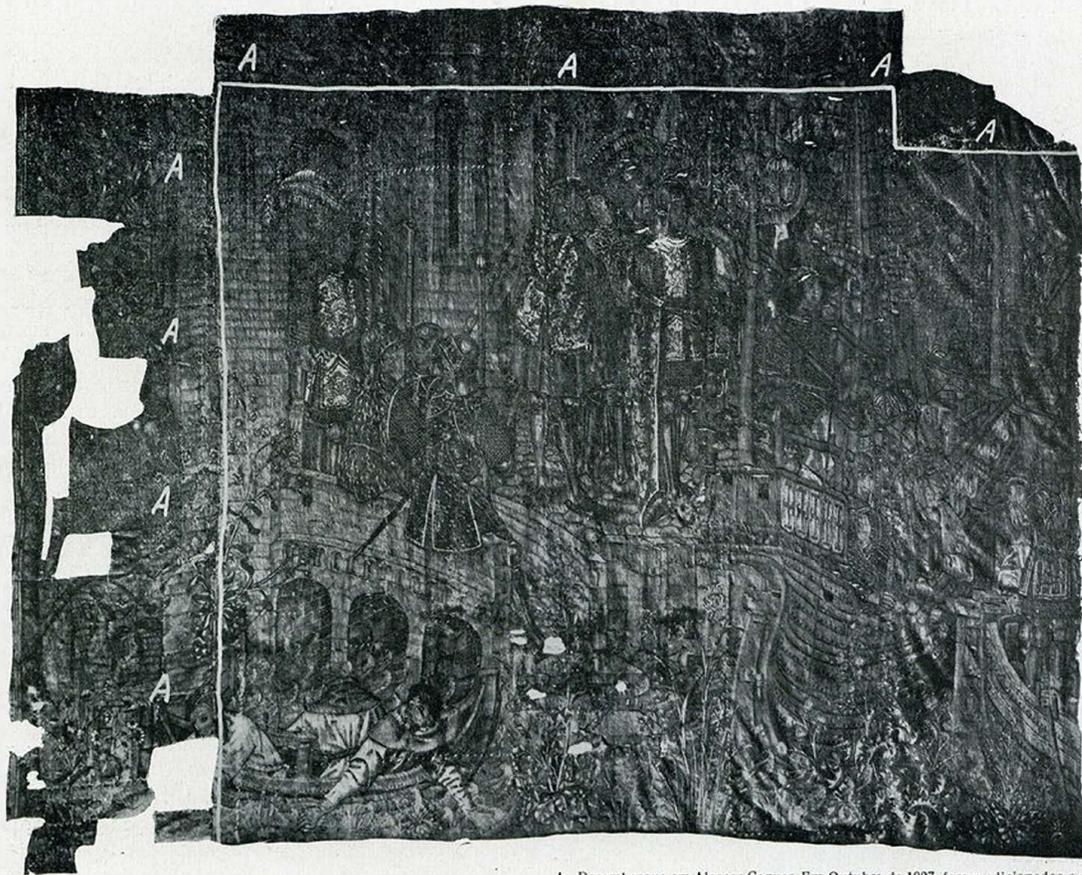
Quando das festas pelo VII centenario da Cathedral de Toledo, em 1926, a Collegiada de Pastrana, n'uma exposiçáo d'Arte que se efectuou no Palacio do Arcebispo de Toledo, fez-se representar por dois pannos da tapeçaria de Arzilla, por algumas peças do jogo de ebano e bronze, por um cofre de cipreste e prata, uma cruz preciosa, uma naveta, um porta paz, tres calices e duas casulas.

De tudo colhi photographias, das tapeçarias no estado em que ficaram, das peças do culto e de ornamentação da Igreja, do Palacio dos Duques, dos documentos e dos quadros existentes no Convento dos Franciscanos e onde ha interessantes retratos de Ruy Gomes da Silva, de sua mulher e de seus filhos.

De tudo organizei um livro com a minuciosidade possivel para que bem se conheça o grande museu de Pastrana composto de objectos do maior valor, oferecidos por Portuguezes ou por filhos de Portuguezes.

Faltava-lhe uma grande parte no fim, que constitui quasi por completo com 71 pedaços. Desdobrei-lhe uma faixa na parte superior em todo o comprimento. Media  $7.^m25 \times 3.^m70$ . Agora ficou medindo  $10.^m25 \times 4.^m00$ . Anteriormente tinha  $26.^m28250$  e agora ficou com  $41.^m200$ . A sua area aumentou portanto  $14.^m2750$ .

A 3.<sup>a</sup> representa o desembarque em Arzila. Coloquei-lhe trez pedaços. Desdobrei-lhe na parte superior uma faixa em todo o comprimento. Desdobrei-lhe uma costura que tinha ao centro em toda a altura. Media



1.—Desembarque em Alcacer Ceguer. Em Outubro de 1927, foram adicionados a este

Agora, para se poder apreciar do valor do trabalho que fiz em Pastrana, por o acaso me ter deparado aquella grande quantidade de pedaços destroçados pelo avêso das tapeçarias, vou descrever o serviço feito em cada uma das mesmas.

—A 1.<sup>a</sup> representa o desembarque em Alcacer Ceguer. Faltava-lhe uma parte ao principio em toda a altura que constitui com 31 pedaços. Desdobrei-lhe uma faixa na parte superior em todo o comprimento. Media  $9.^m26 \times 3.^m70$ . Agora ficou com  $10.^m25 \times 4.^m05$ . Anteriormente tinha  $34.^m2620$  e agora ficou com  $41.^m25530$ . Aumentou portanto a sua area em  $7.^m2910$ .

—A 2.<sup>a</sup>, representa a entrada em Alcacer Ceguer.

$10.^m00 \times 3.^m56$  e agora ficou com  $10.^m10 \times 3.^m65$ . Anteriormente tinha  $35.^m60$  e agora ficou com  $36.^m26630$ . Aumentou portanto a sua area em  $1.^m0630$ .

—A 4.<sup>a</sup> representa o bombardeamento de Arzila. Não tinha inscrição como as outras referentes á mesma conquista. Encontrei-lhe grande parte dêssa inscrição composta por uma linha completa e outra cortada pelo meio em todo o seu comprimento. Apliquei-lhe onze pedaços pelo meio e desdobrei-lhe uma faixa pela parte superior em todo o comprimento. Media  $10.^m20 \times 4.^m34$ . Agora ficou com  $10.^m20 \times 4.^m72$ . Anteriormente media  $45.^m21360$  e agora ficou com  $49.^m0880$ . Aumentou portanto a sua area em  $3.^m9520$ .

A 5.<sup>a</sup> representa o assalto a Arzila. Coloquei-lhe um pedaço. Desdobrei-lhe costuras ao alto e uma faixa em todo o comprimento. Media  $10^m,58 \times 3^m,65$ . Agora ficou com  $10^m,69 \times 3^m,78$ . Anteriormente tinha  $38^m^2,6170$  e agora ficou com  $40^m^2,4080$ . A sua area aumentou portanto  $1^m^2,7910$ .

A 6.<sup>a</sup> representa a occupação de Tanger. Coloquei-lhe 28 pedaços, aumentando-lhe ao centro um pedaço em toda a altura com  $0^m,35$ . Desdobrei-lhe uma faixa no alto em todo o comprimento. Media  $10^m,30 \times 4^m,00$ .

Alem d'estes 145 pedaços que coloquei no seu logar ainda encontrei mais 111 que fazem parte principalmente da 5.<sup>a</sup> tapeçaria, assalto de Arzila, onde falta uma tira em toda a sua extensão pela parte de baixo entre o tapete existente e os pedaços que encontrei.

Em todo o caso, para que se não percam e para que possam servir para um estudo de reconstituição da parte que falta a esta tapeçaria, ficaram cosidos em trez pedaços de pano cru, medindo cada pedaço  $2^m,0 \times 0,81$ . No primeiro cosi 34 pedaços de tapeçaria, no 2.<sup>o</sup>, 25 e no 3.<sup>o</sup>, 52.



panno 31 pedaços e desdóbrada a parte superior. A. A. A... indica a parte ampliada.

Agora ficou com  $10^m,65 \times 4^m,30$ . Anteriormente tinha  $41^m^2,20$  e agora ficou com  $45^m^2,7950$ . A sua area augmentou  $4^m^2,5950$ .

Em resumo, vejamos os numeros de pedaços que lhe applique e o augmento com que ficaram :

No 1. <sup>o</sup> tapete . . . . .	31 pedaços . . . . .	$7^m^2,2910$
No 2. <sup>o</sup> » . . . . .	71 » . . . . .	$14^m^2,2750$
No 3. <sup>o</sup> » . . . . .	3 » . . . . .	$1^m^2,0630$
No 4. <sup>o</sup> » . . . . .	11 » . . . . .	$3^m^2,9520$
No 5. <sup>o</sup> » . . . . .	1 » . . . . .	$1^m^2,7910$
No 6. <sup>o</sup> » . . . . .	28 » . . . . .	$4^m^2,5950$
	145	$32^m^2,9670$

Ao regressar a Madrid, encontrei um convite particular de Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Instrução Publica d'aquelle paiz para lhe ir fallar.

Ao ser recebido, apresentei as photographias do meu trabalho a côres e offereci a S. Ex.<sup>a</sup> um exemplar do meu livro «As tapeçarias de D. Affonso V foram para Castella por offerta d'este Rei.» Expliquei o que tinha feito às tapeçarias e a forma como as tinha deixado. Descrevi o Palacio dos Duques de Pastrana que bem merecia ser considerado monumento nacional. Descrevi as riquissimas peças do culto, os paramentos, tudo emfim, e, S. Ex.<sup>a</sup> por tal forma ficou entusiasmado com o assumpto de que não tinha o menor conhecimento,

que me pediu para formular um relatório que entregaria no dia 25 n'uma reunião conjuncta com o Director Geral de Bellas Artes, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de las Infantas.

Organizei este relatório de que junto uma copia e que foi traduzido pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. Marianno Ferrer Bravo, da Academia Real da Historia de Madrid e da Associação dos Archeologos Portuguezes.

Recebi grandes agradecimentos de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Instrucção Publica de Espanha e considerei terminada esta primeira parte do meu novo trabalho que

logos Portugueses a parte histórica e artistica das Tapeçarias, tais como ficaram e de todos os objectos que ali encontrei e que foram oferecidos á Collegiada por Portugueses ou filhos de Portugueses. Apresento tambem a V. Ex.<sup>a</sup> uma prova do relatório que apresentei em Madrid a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Instrucção Publica d'aquelle Paiz. Com elevado respeito e consideração me assino. — De V. Ex.<sup>a</sup> — Att.<sup>a</sup> Vnr. e Obgd.<sup>o</sup> — (a) *Afonso de Dornellas.*



2—Entrada em Alcaeer Cequer. Em Outubro de 1927 foram adicionadas a este panno 71 pedacos e desdobrada a parte supe

não só abrangerá as tapeçarias, como o monumental thesouro da Collegiada de Pastrana.

Este relatório foi acompanhado do seguinte officio:

Lisboa, 1 de Novembro de 1927. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Instrucção Publica. — Tendo regressado em 26 de Outubro findo da missão de que V. Ex.<sup>a</sup> me encarregou de continuar o estudo que iniciiei sobre as Tapeçarias de D. Afonso V que actualmente são propriedade da Collegiada de Pastrana, venho desde já apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> um primeiro relatório apenas narrativo da viagem e do que fiz, pois procurarei, logo que receba as provas das chapas photographicas que ali mandei tirar, de com projecções apresentar na Associação dos Archeo-

#### DISCUSSÃO SOBRE O ARRANJO PROVISORIO FEITO NAS TAPEÇARIAS

Elementos colhidos na acta da sessão da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, effectuada em 14 de Novembro de 1927.

**D**EPOIS de na sessão de 24 de Novembro de 1927 da Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, ter lido os Relatórios que apresentei aos Ex.<sup>mos</sup> Ministros da Instrucção de Hespanha e de Portugal, sobre os meus estudos e arran-

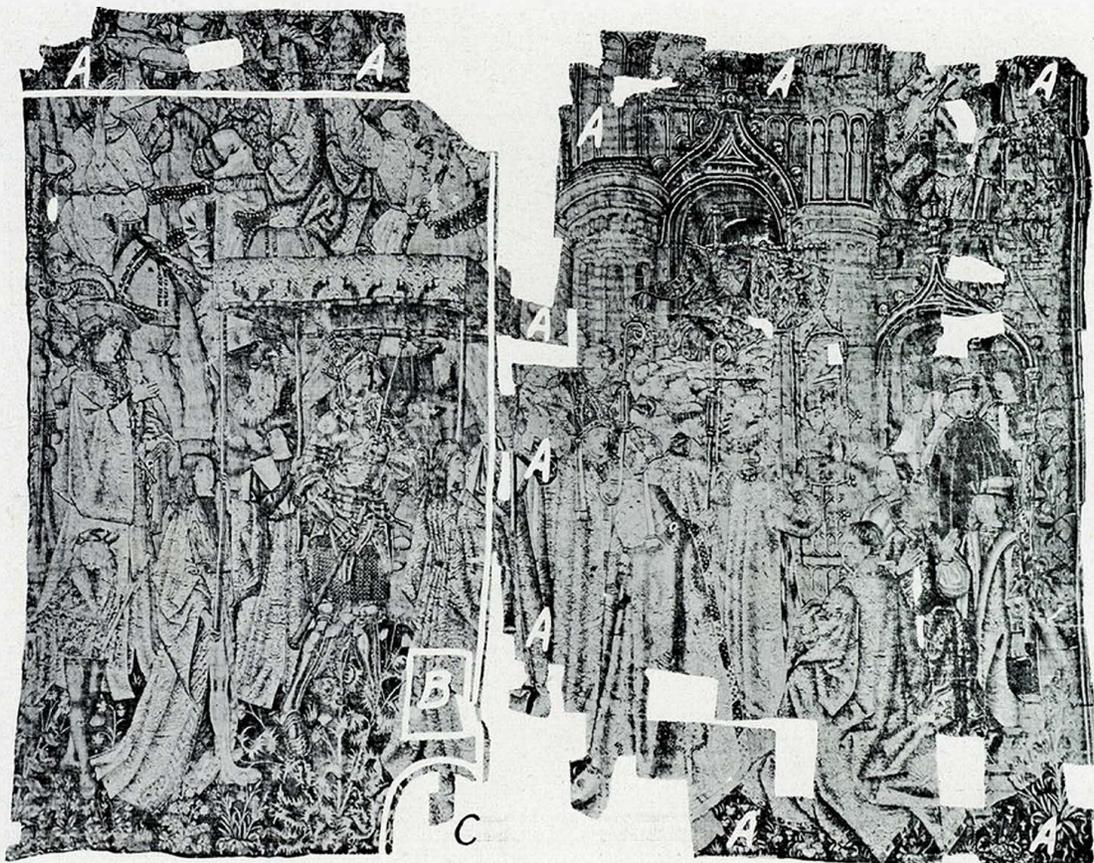
jos provisórios feitos nas Tapeçarias de D. Affonso V, existentes em Pastrana, ofereci exemplares dos mesmos Relatorios para ficarem juntos á acta.

Publicado nos jornaes um extracto da mesma sessão, o Sr. Dr. José de Figueiredo, tomou conhecimento do facto e foi ali ler os referidos relatorios, deliberando discuti-los na sessão seguinte.

Por esta razão recebi de Sua Ex.<sup>a</sup> a seguinte carta :

23-XI-1927. Ex.<sup>mo</sup> Sr. Comunico a V. Ex.<sup>a</sup> que tenciono ir ama-

simples aprendiz ouvirei as apreciações de V. Ex.<sup>a</sup> como mestre e conhecedor profundo do assunto. Aproveito a oportunidade para comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que hoje á noite na Associação dos Archeologos tenciono referir-me á Tapeçaria da occupação de Tanger que tão criteriosamente acaba de ser tratada pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Reynaldo dos Santos na esplendida revista «A Lusitania». Se tiver oportunidade, lerei a mesma comunicação na Academia ou porei uma copia á disposição de V. Ex.<sup>a</sup> caso não deseje assistir á sessão da noite nos Archeologos, onde com certeza o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Xavier da Costa, que desde sabado passado conhece o conteúdo da minha comunicação, terá muito prazer em receber V. Ex.<sup>a</sup> Com elevada consideração me assigno. — De V. Ex.<sup>a</sup> — Att.<sup>o</sup> Vnr. e Obgd.<sup>o</sup> — (a) Affonso de Dornellas.



rior. A A A... indica a parte ampliada. Os fragmentos que estavam em B e C passaram para a area indicada por A. A. A...

nhã á Academia das Sciencias e, a proposito da leitura da acta, occupar-me ali da comunicação que V. Ex.<sup>a</sup> fez na ultima sessão acerca das tapeçarias de Pastrana. De V. Ex.<sup>a</sup> Att.<sup>o</sup> Vnr. e Obgd. (a) José de Figueiredo.

No dia seguinte de manhã dirigi-me a Sua Ex.<sup>a</sup> nos seguintes termos:

Lisboa, 24 de Novembro de 1927. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José de Figueiredo — Tenho a honra de acusar a recepção da amavel carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 23 do corrente, comunicando-me que tenciona na sessão d'hoje da Academia das Sciencias de Lisboa, occupar-se do meu relatório sobre a ultima visita que fiz a Pastrana. Agradeço penhorado a gentileza de V. Ex.<sup>a</sup> e desde já declaro que na minha qualidade de

Aberta a sessão da Classe de Letras da Academia pelas quatro da tarde pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Rodrigues, foi lida a acta da sessão anterior que sobre o assumpto em questão dizia :

— O Sr. Dr. José de Figueiredo pedindo a palavra diz :

— Como V.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup> sabem, pois o caso passou-se nesta sala, ha apenas um anno, o Sr. Affonso Dornellas, sem ter ido a Pastrana e apenas sobre uma fotografia, e para mais pessima, que lhe mandaram de lá, concluiu que uma das tapeçarias ali existentes (a unica que não

tinhamos podido ver quando ali fomos, em 1915), representava as exequias do Infante Santo. Cometeu com isso o Sr. Affonso Dornellas um erro grosseiro, pois transformou um remendo no caixão do Infante D. Fernando e deu ao caso a maior importancia tirando conclusões sensacionaes, como a de que tinham razão os que viam, na figura do S. Vicente dos paineis de Nuno Gonçalves, o filho, martir, de D. João I. E tão convencido estava do caso e da sua importancia que mobilisou toda a hoste dos partidarios dessa tése que, para o ouvirem, vieram até aqui assistindo à sessão com concessão da Academia. Como consta da acta, fiz ver nessa ocasião ao Sr. Affonso Dornellas o nenhum valôr documental que a fotografia tinha e a improdencia que re-

na sessão anterior, pelo Sr. Affonso Dornellas, que o caso foi nelles reduzido a mero incidente; e que se, no relatorio portuguez, ele aparece ainda como um equívoco, mas natural e logico!, no espanhol, se converte já quasi num titulo de gloria para o seu autôr!! E como isso não bastasse, ha tambem o facto do Sr. Affonso Dornellas chamar ahi, a essa tapeçaria, a Tapeçaria de Tanger, aceitando a designação que lhe deu o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, sem contudo citar este senhor, nem dizer por que a intitula assim, o que se compreende ainda menos quando se vê que, no livro que o Sr. Dornellas publicou apoz a conferencia do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos continua a chamar a essa tapeçaria a tapeçaria de Arzila, e a ver nela a troca dos



3—Desembarque de Arzila. Em Outubro de 1927 foram-lhe desdobradas varias orlas

presentavam as suas conclusões. O Sr. Affonso Dornellas fez, então, os maiores elogios à minha sciencia, chamando-me mestre, mas não deixou de fazer publicar nos jornais, ainda mais correcto e aumentado, o seu arrazoado, illustrando-o com o *desenho-ampliação* que fizera e que era a tradução grafica, não do que se via na tapeçaria remendada, mas do que, nella, via o seu desejo e fantasia.

Nestas condições, supuz sempre que toda e qualquer nova comunicação do Sr. Affonso Dornellas sobre as tapeçarias, nesta casa, seria para fazer penitencia do seu erro, que foi o resultado logico do processo condenavel de que se serviu.

Com surpresa porem verifiquei, lendo os dois relatorios, (o Portuguez e o Espanhol), apresentados aqui,

ossos do Infante, tomando portanto ainda, nesse livro, o *remendo* por um caixão com os demais accessorios liturgicos (1) que, nesse remendo, tinha *descoberto*. Mas, da leitura destes relatorios, outra coisa resalta ainda que não pode passar em silencio nesta casa, onde a probidade scientifica e o respeito do trabalho alheio não podem deixar de ser regras essenciaes. E é que, em nenhum delles, o Sr. Dornellas cita o nome dos dois Portuguezes que, muito antes de sua Ex.<sup>a</sup> viram e estudaram essas tapeçarias e a cuja obra foi buscar o que diz com interesse sobre ellas.

(1) De facto eram accessorios liturgicos como agora se pode verificar no panno da entrada em Alcacer Ceguer, pois o celebre remendo era constituido pelo pedaço que representa os dois Bispos que seguem no cortejo a deante do Paleo. — A. D.

E o facto é tanto mais lastimavel quanto um deles, o autor destas observações, foi aqui, nesta Academia, de que é sócio desde 1910, que anunciou o achado das tapeçarias e a identificação dos seus cartões como obra de Nuno Gonçalves, dando-lhe com isto o melhor do seu grande valor, porque, com este facto, a sua importancia artistica e historica é incomparavelmente maior. (!)

E o que é mais curioso é que essa minha comunicação, feita na sessão d'esta classe, em 9 de Dezembro de 1915, foi precisamente feita para elucidar o grande erudito, infelizmente morto, Esteves Pereira, (que a ela se refere no seu Prefacio á chronica da Tomada de Ceuta, de Azurara), sobre uma duvida que ele tinha,

noticia publicada pelo sr. D. Elias Tormo, em 1908. Mas o caso é totalmente differente porque a um portuguez, embora ao corrente da bibliographia estrangeira da especialidade, nada mais natural do que escapar-lhe uma referencia tão pequena e para mais publicada em lugar tão secundario, isto é a meio das paginas de registo de um Boletim, como ela vinha. E a proposito direi que modernamente não foi o Sr. D. Elias Tormo, o primeiro a referir-se ás tapeçarias, mas sim, em 1871, D. Marianno Perez y Cuenca, na sua Historia de Pastrana, livro que eu conheci posteriormente á minha ida a Pastrana, quando procurei estudar conscienciosamente o assumpto, e que depois adquiri e communiquei ao sr. Dr. Reynaldo dos Santos, afim de que ele o mencionasse,



e colocados tres pedaços que lhe faltavam. A A A... indica a parte ampliada.

como membro da comissão do centenario de Ceuta e Affonso de Albuquerque, comissão de que já fazia parte o sr. Affonso Dornellas, pois entrou para ela, em Janeiro desse anno.

O sr. Affonso Dornellas ignorava porém isso tudo e ignorou-o apesar da minha comunicação, publicada nos jornaes da epocha, ter sido impressa no Boletim d'esta classe, (pag. 26 e 27 do vol. 10), e por acaso na mesma acta em que se faz o registo da candidatura a esta Academia do sr. Dornellas!

Dirá talvez a isto o sr. Affonso Dornellas que, quando eu fiz a comunicação em 1915, ignorava tambem a

como mencionou, no seu importante estudo sobre as tapeçarias.

Nenhum d'esses historiadores porém, por o não poder fazer, pensou sequer em procurar identificar o auctor dos cartões, e essa identificação é exclusivamente minha, como é do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, a identificação do atelier e tapeçeiro que fez as tapeçarias e a quasi totalidade das personagens que entram n'ellas. (!)

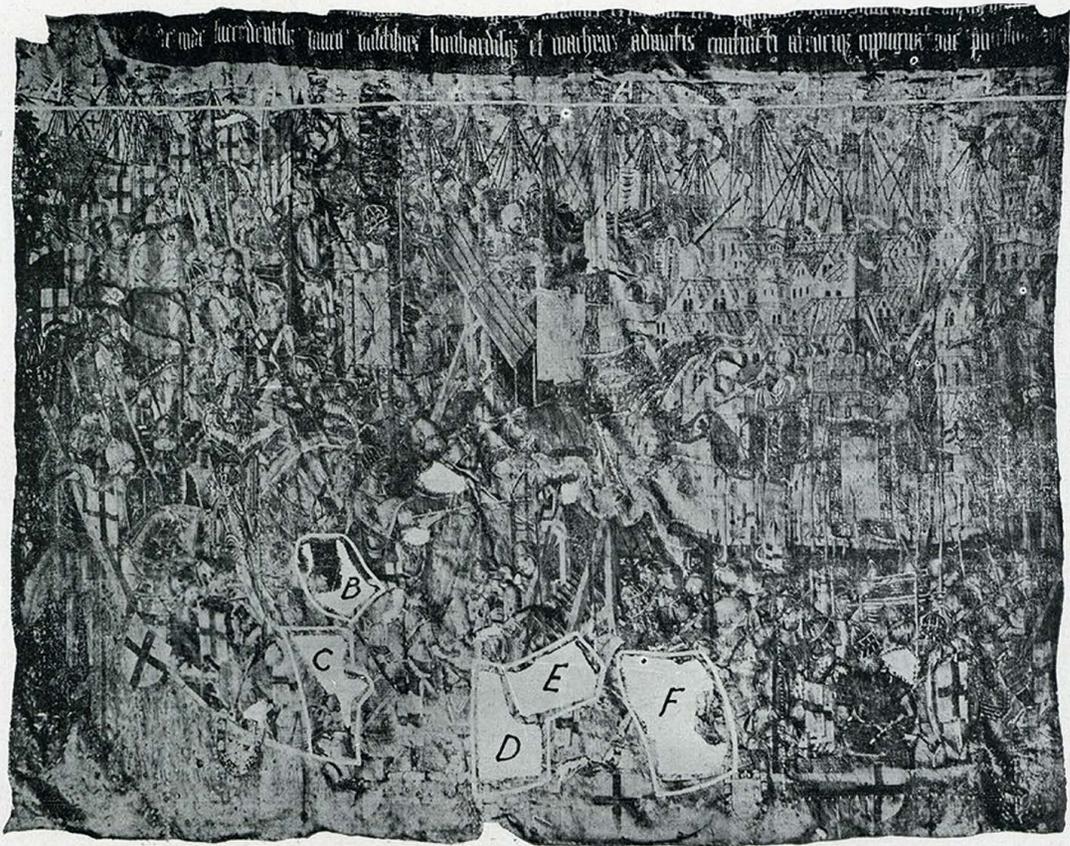
Continuando porém a ignorar tudo o que estava dito e escripto sobre o assumpto, como o importante e volumoso livro do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, o Sr. Affonso

(!) Esta identificação da autorla dos cartões para a confecção das tapeçarias, não é feita em face de documentos, mas segundo o abalisado criterio do Sr. Dr. José de Figueiredo. — A. D.

(!) Estas identificações do atelier, tapeçeiro e personagens que figuram nos pannos, não são feitas em face de documentos, mas segundo a opinião do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos. — A. D.

Dornellas descobre consequentemente tudo. E assim depois de ter *descoberto* as tapeçarias e os seus assumptos e o auctor dos cartões e os tapeceiros que as fizeram !, descobre tambem agora as alfaias do culto existentes em Pastrana, e como pode ver-se, nas duas communicacões apresentadas e esta Academia, não as descobre só para nós, que as vimos alias ali ha já 12 annos, quando lá fomos, mas descobre-as ainda para os proprios hespanhoes, ignorando ou esquecendo que, em 1871, se referira já a ellas D. Marianno Cuenca, como a ellas se

Dornellas chama, nos seus relatorios, as tapeçarias de Alcacer Ceguer, e que o Sr. Dornellas se enganava quando tal afirmava porque essas tapeçarias eram bastante posteriores ás de Arzila e Tanger, pois eram já do começo do seculo XVI e que os seus assumptos nada tinham com Alcacer Ceguer nem com feitos Portuguezes. A sua opiniao de então, quando desconhecia a do Sr. D. Elias Tormo, é concorde com a d'aquelle erudito hespanhol. O que essas tapeçarias representam são na verdade feitos de cruzados.



4—Bombardeamento de Arzila. Em Outubro de 1927 foram adicionados a este panno 11 pedaços e desdobrada a parte superior

refere em 1906, D. Elias Tormo e que, ha 2 annos, e isto excede tudo, parte d'ellas, com as tapeçarias, graças aos esforços de varios eruditos e, entre elles, do illustre escriptor e grande amigo de Portugal, D. Francisco de San Roman, Inspector das Bellas Artes da respectiva Diocese, foram, depois de estudadas e inventariadas, expostas com a maior solemnidade em Toledo, quando ali se commemorou o 7.º centenario da fundação da Cathedral.

Disse ainda, o Sr. Dr. José de Figueiredo que, em 1915, tinha visto e examinado as tapeçarias a que o sr.

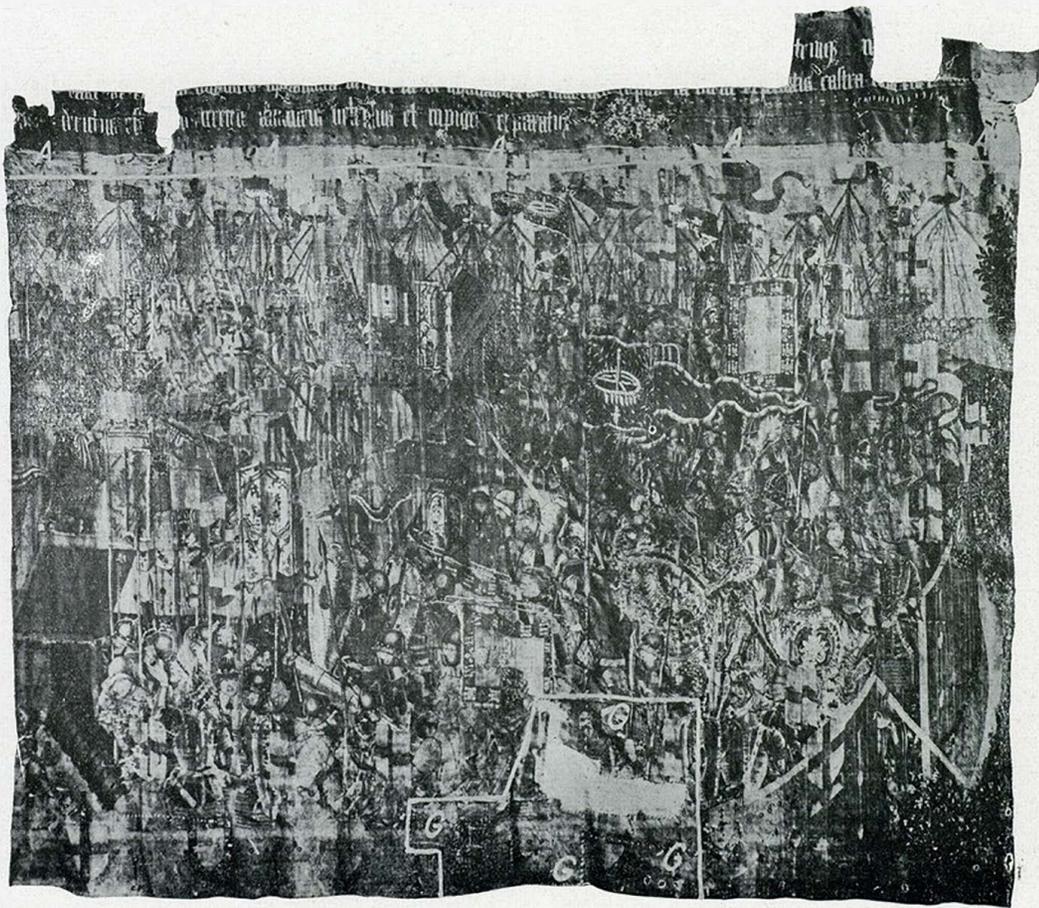
O Sr. Dr. José de Figueiredo, depois de ter ouvido o Sr. Dornellas explicar a seu pedido, como concertara as tapeçarias, lamenta que o Sr. Dornellas não tivesse hesitado em fazer esse concerto, pois e ainda quando tivesse competencia para isso, não devia tocar n'ellas, sem auctorisação de pessoa que pudesse dar-lha. Mas como o Sr. Dornellas era o menos competente que podia ser, fez esse concerto em condicções que representam grande damno para as tapeçarias e urge portanto desfazer esse concerto. E acrescenta que o caso é tanto mais grave quanto o Sr. Dornellas não foi d'esta vez a Pas-

trana como um particular mas sim em missão oficial e não se esqueceu de o tornar bem publico como se vê na curiosa entrevista que deu para o jornal madrileno, a «Nacion», de 5 de Novembro passado, em que reedita todas as phantasticas e inexactas afirmações do seu reletorio hespanhol.

O Sr. Dr. José de Figueiredo conclue dizendo que reconhece as qualidades de trabalho do Sr. Dornellas e os serviços por Sua Ex.<sup>a</sup> prestados á cultura Portugueza, mas para que o seu trabalho seja devidamente reconhe-

sobre as tapeçarias, por mais 24 horas, pois tenho aqui um trabalho sobre a occupação de Tanger que lerei nesta sessão se houver tempo e que lerei com certeza logo á noite na Associação dos Archeologos, trabalho que elaborei em 12 do corrente e que ha oito dias é do conhecimento do Sr. Dr. Xavier da Costa, illustre Presidente da Associação dos Archeologos, que está presente e que a leu.

Nessa comunicação, mais uma vez repito que foi o Sr. Dr. José de Figueiredo que primeiro deu a conhecer



A. A. A... indica a parte ampliada. Os fragmentos que estavam em B. C. D. E. F. G., foram colocados na Tapeçaria de Alcaer

cido e respeitado, devia Sua Ex.<sup>a</sup> respeitar o dos outros e, dada a sua qualidade e responsabilidade de academico, não se abalançar nunca aquelles para que não tivesse a necessaria preparação.

O Sr. Affonso de Dornellas, pedindo a palavra, disse que hia tentar responder a todas as observações que sobre a sua acção no estudo das Tapeçarias do Rei D. Affonso V, acabava de fazer o Sr. Dr. José de Figueiredo; dizendo:

— É pena que o Sr. Dr. José de Figueiredo não guardasse as suas observações de critica ao meu estudo

em Portugal a existencia das Tapeçarias da Tomada de Arzila, que fui eu o primeiro que em Portugal disse que em Pastrana havia mais tapeçarias sobre as façanhas de D. Affonso V, e, que foi o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos o primeiro que classificou, como representando a occupação de Tanger, uma das tapeçarias que eu denunciei e que erradamente attribui á entrega dos ossos do Infante Santo.

Como não tenho a certeza de haver tempo nesta sessão de ler esse estudo e como não sei se o Sr. Dr. José de Figueiredo pode logo á noite assistir á Sessão

dos Archeologos, passo ás mãos de S. Ex.<sup>a</sup> um exemplar d'esse meu novo estudo por onde poderá ver como, com a maior amplitude, dou o seu a seu dono.

Em 23 de Junho ultimo numa comunicação que fiz na Associação dos Archeologos apresentando uns cartões com photographias coloridas tentando a reconstituição da parte existente das tapeçarias, largamente me referi ás perioridades dos Srs. Drs. José de Figueiredo e Reynaldo dos Santos.

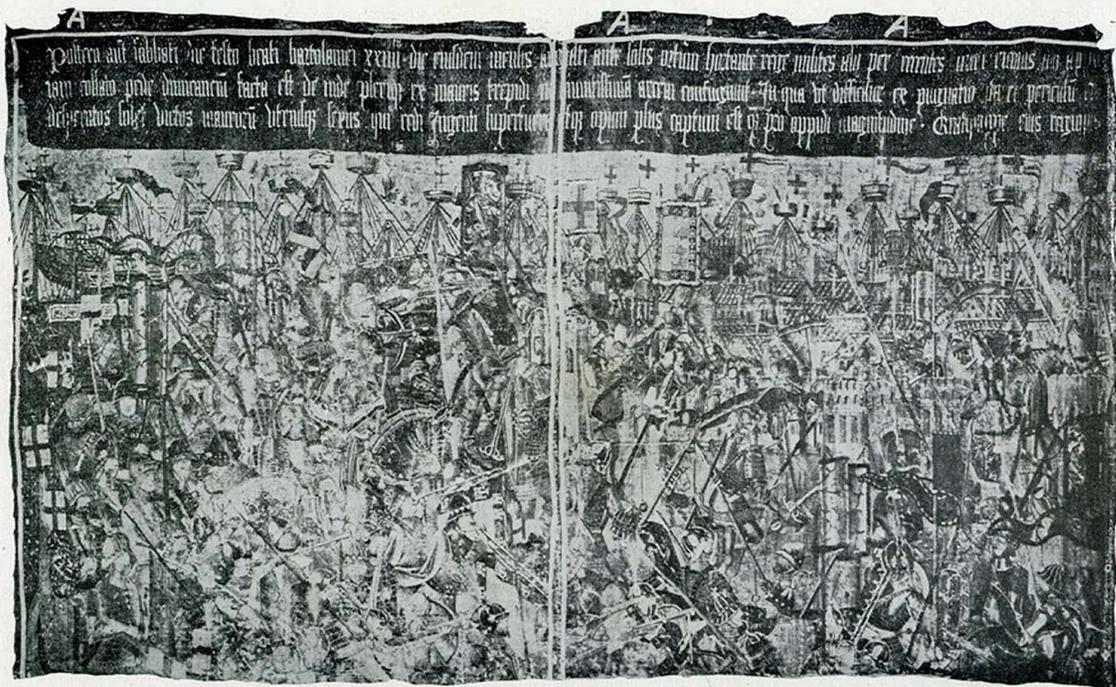
Depois desta previa explicação á generalidade das apreciações do Sr. Dr. José de Figueiredo, vou agora responder a cada um dos pontos de tão amargas queixas de S. Ex.<sup>a</sup>

Fui pela primeira vez a Pastrana em 24 de Março de

na acta. Felizmente fica agora, marcando absolutamente a circunstancia de ter sido eu o que primeiro attribuiu em Portugal a representação de um facto da historia de D. Affonso V nesta tapeçaria.

Em face d'isto ha equívoco da parte do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos em dizer, a pgs. 155 da revista «Lusitania» de 1927, que SS. Ex.<sup>as</sup> ficaram de principio conhecendo esta tapeçaria.

O Sr. Dr. José de Figueiredo chamou grosseiro ao meu erro de attribuir esta tapeçaria á entrega dos ossos do Infante Santo. Parece-me que não é boa classificação. Se fosse um facto muito disparatado, vá... mas, entre tapeçarias representando casos da vida de D. Affonso V, parece não ser muito grosseiro o pensar na



5—Assalto de Arzila. Em Outubro de 1927 foi adicionado um pedaço a este panno e desdobradas varias costuras. A. A. A.

1926, conforme é facil verificar pelos jornaes da epocha, pelos trabalhos que já publiquei, etc., portanto, faz exactamente hoje 20 mezes. A comunicação que fiz nesta classe de letras sobre a minha errada interpretação do pano que o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos muito bem classificou de representar a occupação de Tanger, foi em 11 de Fevereiro de 1926, portanto, ha 21 mezes e meio, conforme se pode verificar pela acta respectiva.

Ha pois engano da parte de S. Ex.<sup>a</sup>, dizendo que esta minha comunicação tinha sido feita ha um anno.

Registo com admiração, a declaração de que S. Ex.<sup>a</sup> não tinha visto a tapeçaria de Tanger quando da sua estada com o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos em 1915 em Pastrana. S. Ex.<sup>a</sup> já em 11 de Fevereiro de 1926 fez identica declaração que me parece não ficou registada

entrega dos ossos do Infante D. Fernando.

Com referencia á mobilisação da hoste dos partidarios da these que eu no momento defendia, declaro que ha tambem engano. Em varias sessões da Classe, tem havido licença para assistirem estranhos quando os jornaes anunciam os titulos das comunicações. Como se sabia que eu ia fazer a referida comunicação, appareceram pessoas a solicitar de S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente para assistirem. Era o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Rodrigues, então, como hoje, que presidia, e S. Ex.<sup>a</sup> sabe muito bem que não lhe pedi para dar entrada fosse a quem fosse.

Com referencia ao Sr. Dr. José de Figueiredo dizer que apesar de me fazer ver na sessão de 11 de Fevereiro de 1926, que nenhum valor documental tinha a photographia que apresentei e que eram imprudentes

as minhas conclusões, achando extraordinario que no dia seguinte os jornaes as publicassem, tenho a dizer que seria difficil a qualquer estudioso o abandonar uma hypothese principalmente depois do Sr. Dr. Figueiredo ter declarado na mesma occasião não conhecer tal tapeçaria por a não ter visto quando da sua estada, em 1915, em Pastrana.

Vê-se porém, que me conformei completamente com a opinião do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, acerca da identificação da tapeçaria de Pastrana. Não me arrependo de ter insistido, na occasião, na minha hypothese, por ter originado a immediata viagem do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos a Pastrana e a sua conferencia no Teatro de S. Carlos em 24 de Fevereiro de 1926.

necessario andarmos constantemente a citar-nos uns aos outros.

Diz o Sr. Dr. José de Figueiredo que no livro que publiquei e a que dei o titulo: «AS TAPEÇARIAS DE D. AFFONSO V FORAM PARA CASTELLA POR OFERTA DESTA REI», continuo a ver na mesma tapeçaria, a entrega dos ossos.

Responderei a S. Ex.<sup>a</sup> que esse livro reproduz uma communicação que fiz na Associação dos Archeologos em 19 de Abril de 1926 e que S. Ex.<sup>a</sup> apesar de lhe fazer a referencia que faz, não o leu todo, pois na legenda existente debaixo da gravura representativa da tapeçaria em questão, entre outras coisas está lá na setima linha o seguinte:

— Esta tapeçaria é a primeira vez que é reproduzida inteira, sendo classificada como representando a entrega dos ossos do Infante D. Fernando, numa communicação que fiz na Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, em 11 de Fevereiro de 1926 a qual foi publicada no Diario de Noticias de 12 do mesmo mez. Depois desta communicação, já a mesma tapeçaria foi classificada de representar a entrada de Tanger por D. Alfonso V, o que me parece difficil de sustentar não só por não levar o cortejo o estandarte de Portugal, etc. etc.

Por aqui se vê que em Abril de 1926, ainda eu não estava convencido que de facto representava esta tapeçaria a occupação de Tanger. Em Maio de 1927, no Congresso Scientifico de Cadiz, referi-me à minha hypothese e á já tambem apresentada de Tanger.

É natural porem que eu não abandonasse a mi-

nha classificacão sem provas concludentes ou pelo menos que me convencessem.

Na minha ultima estada em outubro em Pastrana, como já disse, eu verifiquei que de facto se tratava de Tanger, conforme detalhadamente digo no trabalho de que acabo de oferecer uma copia ao Sr. Dr. Figueiredo.

Voltou S. Ex.<sup>a</sup> a falar dos relatorios que apresentei dizendo que nêles não cito nem o Seu nome nem o do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos que muito antes de mim tinham visto as tapeçarias de Pastrana. Parece-me haver engano nesta ultima afirmacão. S. Ex.<sup>as</sup> tinham visto as de Arzilla, mas a de Tanger ainda ha pouco disse o Sr. Dr. Figueiredo que de facto a não tinha visto, declaracão que já fizera em 11 de Fevereiro de 1926.



indica a parte ampliada. B, indica o sitio onde perlece o fragmento que está junto aos que não foram colocados.

Mais tarde, já com algumas provas, conforme detalhadamente descrevo no trabalho de que acabo de oferecer uma copia ao Sr. Dr. José de Figueiredo, inclinei-me á hypothese do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, até que a adoptei plenamente ao tornar a ver o mesmo pano em Outubro ultimo.

Os relatorios a que o Sr. Dr. José de Figueiredo se refere e que apresentei a S. Ex.<sup>as</sup> os Ministros da Instrução Publica de Espanha e Portugal referentes á minha ultima viagem a Pastrana, como facilmente d'êles se depreende, são simples e unicamente descriptivos do que fiz e do que vi. Não cabia nos mesmos uma descriçãõ detalhada de toda a historia do que se tem passado e da perioridade de cada descoberta e mesmo tem sido assunto tão debatido que parece des-

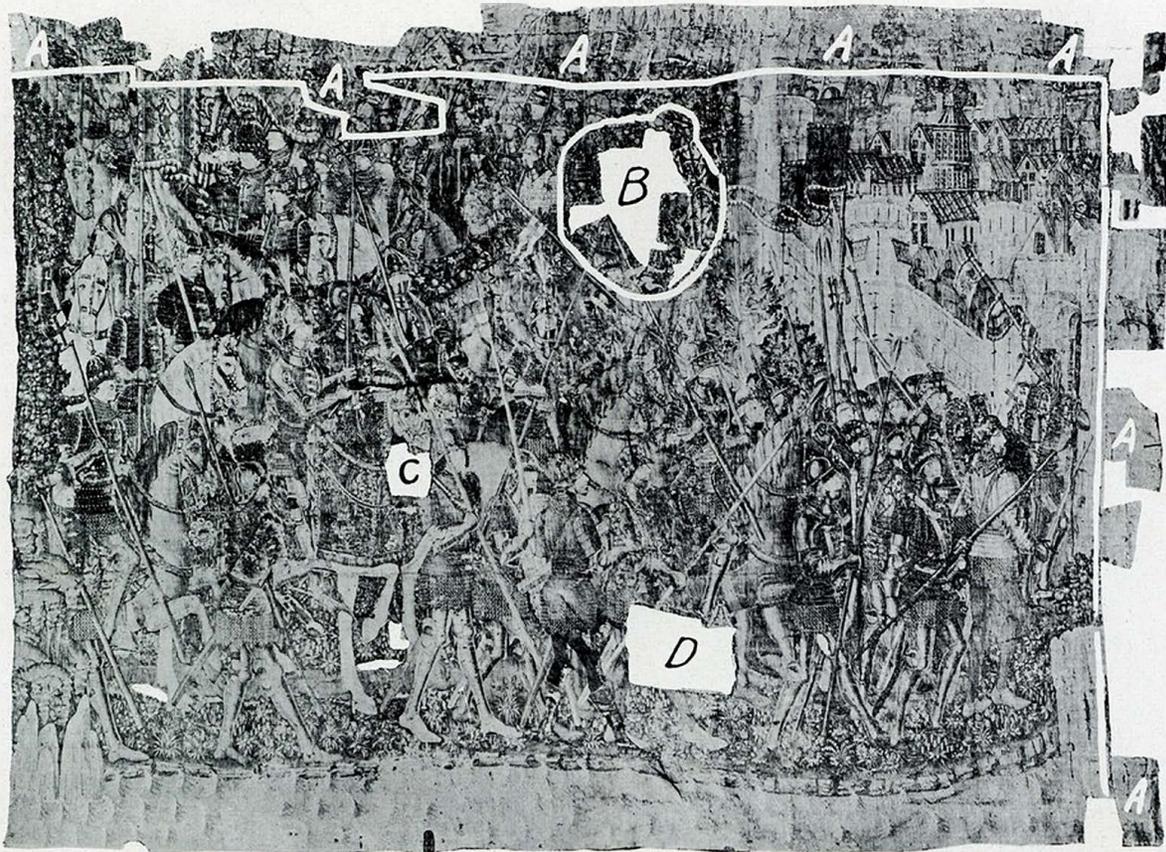
Diz o mesmo Sr. que foi aos trabalhos de SS. Ex.<sup>as</sup> que eu fui buscar o que de interesse disse sobre as mesmas tapeçarias.

Ora isto é uma opinião muito respeitavel... mas, a final, como todas as opiniões, sujeita á replica.

Dos meus trabalhos, resultou, pelo menos, a citação das obras em que Manoel Faria e Souza fala da alteração das Armas de Portugal no Reinado de D. João I, onde vem um esclarecimento do mais alto interesse para a historia das mesmas tapeçarias, e resultou tambem, que o pano de Tanger fosse classificado como

Sobre as alfaias de Pastrana tambem me parece que o Sr. Dr. Figueiredo labora em erro. Muitos objectos do culto estiveram escondidos perto de cincoenta annos, portanto, desconhecidos dos estudiosos do ultimos tempos.

O Padre Cuenca na sua «Historia de Pastrana», cita meia duzia de objectos e na Exposição de Toledo foram expostos dois pannos da Tapeçaria de Arzila e uma simples dezena de objectos de valor. Em Pastrana ha hoje á vista muitas dezenas de objectos do maior interesse, conforme em breve demonstrarei por photographias que possuo.



6—Ocupação de Tanger. Em Outubro de 1927 foram adicionados a este panno 28 pedaços e desdobrada a parte superior. A. A. A...

representando um assunto portuguez e, segundo boas opiniões, resultou tambem, que mais dois pannos representassem a Tomada de Alcacer Ceguer, classificação de que, por enquanto, não desisto.

Com referencia ao facto lastimavel, como lhe chama o Sr. Dr. Figueiredo, de eu não ter conhecimento da sua comunicação á Academia em 1915, declaro que só muito mais tarde, em 1922, é que liguei ao assumpto a importancia necessaria para o estudar. Foi um artigo publicado no «Diario de Noticias» pelo sr. José Maria dos Santos que me despertou tal interesse.

Com referencia á classificação dos pannos da Tomada de Alcacer, repito que continuo convencido que me não enganei. Este meu convencimento não é filho de teimosia ou capricho, é porque tenho elementos para tal, conforme disse na comunicação que fiz na Associação dos Archeologos em 25 de Julho ultimo.

Do arranjo que fiz da ultima estada em Pastrana digo que sendo o meu intuito conhecer o remendo do panno de Tanger, solicitei permmissão para o desmontar e verifiquei que pelo lado de traz havia muitos pedaços de tecido da mesma Tapeçaria e outros de inumeras qualidades.

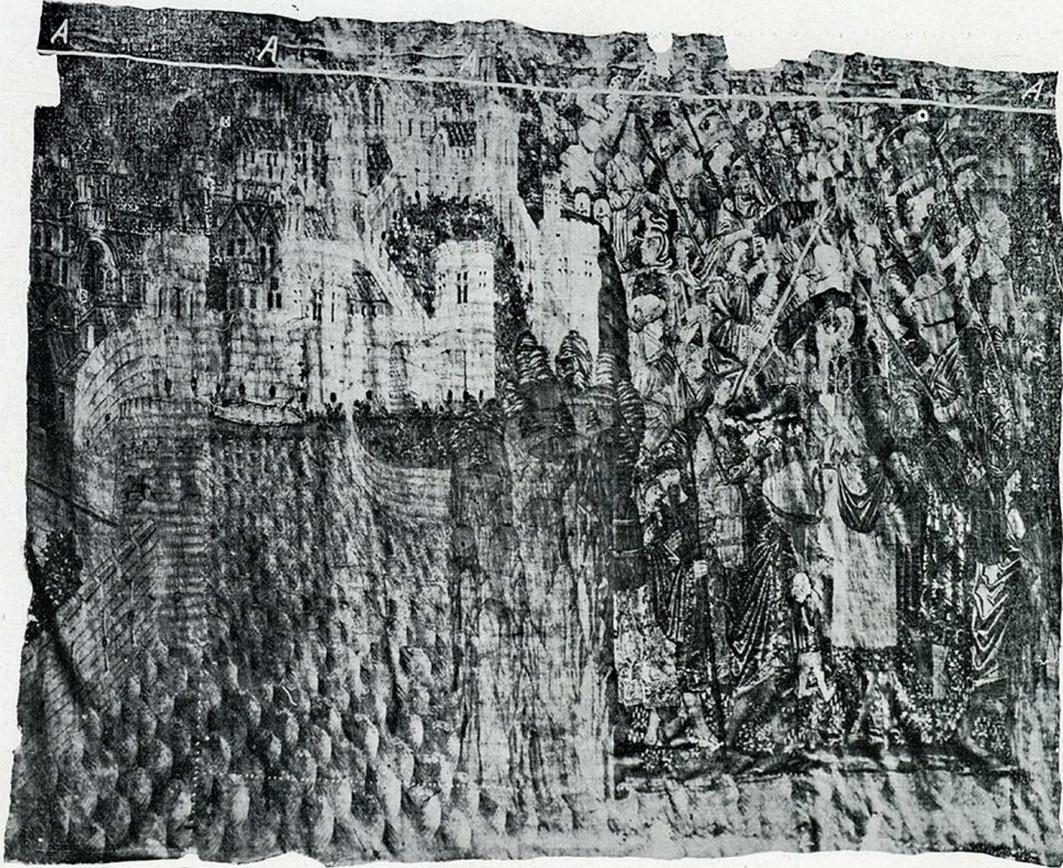
Nos relatorios explico o que então se deu, e, tão mau foi o meu trabalho, que ampliei trinta e tres metros quadrados na area dos seis pannos em questão.

O Sr. Dr. José de Figueiredo pediu para eu o informar de qual foi o preparo que dei ao panno cru que appliquei por traz das tapeçarias, por, n'esta especie de tapeçarias se desenvolverem certas gorduras que atrahem as traças, principalmente onde é empregada a côr preta. Informo S. Ex.<sup>a</sup> que empreguei panno cru exactamente como o adquiri nos estabelecimentos locais e não tenho remorsos d'isso, por saber que para resguardar peles e

sidias nas proprias tapeçarias. Nos relatorios eu exponho como ficaram agora suspensas.

Longe de mim a ideia de me considerar apto para restaurar as tapeçarias, em todo o caso, parece-me exagero o dizer S. Ex.<sup>a</sup> que para tal trabalho eu sou o menos competente possivel. Naturalmente o mesmo Sr. quando esteve em Pastrana não teve tempo para ver como estavam protegidas e suspensas as tapeçarias, porque então, verificava que quem as tinha posto n'aquelle estado era muito menos competente do que eu.

Diz ainda que o grande perigo de ter sido empregado



indica a parte ampliada. Os fragmentos que estavam em B, C, e D. foram colocados no panno do Dezembroque em Alcacer Ceguer.

tecidos facéis de serem atacados pela traça se emprega exactamente o panno cru como vem da fabrica. Além d'isto informo S. Ex.<sup>a</sup> que não foi meu intuito concertar ou considerar definitivo o arranjo que fiz aos pannos. O que fiz foi cerzir com pontos bem largos e dados com fios bem brancos para mostrar que era um arranjo bem provisório e apenas para poder fotografar as tapeçarias taes como as deixei.

Como se encontravam eram prejudicadas dia a dia. Estavam a abrir por serem muito pesadas e fazerem força sobre si mesmo. As cordas que as suspendiam eram co-

o panno cru sem ser molhado dava o resultado de em breve começar a encolher e encher as tapeçarias de sacos. A esta objecção tenho a dizer que as tapeçarias ficaram conforme as circunstancias de cada uma, com arranjos provisórios e forradas o mais completamente possivel. No caso do panno encolher, nunca poderão ficar peor do que estavam e mesmo que fiquem mal, porque as não restaurem como necessitam, pelo menos não continuarão a abrir em milhares de sitios, como estava succedendo, por causa do pêso.

Com referencia á entrevista com o *Jornal Madrileno*

«La Nación» de 5 de Novembro, tenho a dizer que sahi de Madrid com destino a Lisboa em 25 de Outubro, (1) sendo n'esse dia que me pediram uma noticia para esse jornal e como, não tivesse tempo de a fazer, offereci um exemplar do relatorio. Não tenho portanto a menor responsabilidade nos titulos que puzeram a essa noticia.

Sobre o meu relatorio hespanhol ter *phantasticas* e *inexactas affirmações*, declaro que me parece exagerado tal modo de S. Ex.<sup>a</sup> se exprimir sem previamente ter batido o que eu disse, com provas convincentes.

Em breve publicarei mais trabalhos sobre as tapeçarias e sobre os citados objectos do culto e então se verá onde está a phantasia e a inexactidão.

O Sr. Dr. Figueiredo é de opinião que se deve desfazer o arranjo que fiz nas Tapeçarias, alvitando mesmo que a Academia trabalhe n'esse sentido. Desde já illucido a Classe que não sahi de Madrid, sem explicar ao Sr. Ministro da Instrucção e ao Sr. Director Geral de Bellas Artes, tudo quanto tinha feito, pedindo que de fórma alguma considerassem definitivos esses arranjos e que mandasse restaurar as tapeçarias.

Terminou o Sr. Dr. José de Figueiredo dando-me conselhos que eu muito agradeço e acato, declarando porém que respeito e sempre respeitei o trabalho dos outros e, no caso presente, para prova de que respeitei tudo quanto ha feito sobre o assumpto, leia S. Ex.<sup>a</sup> a copia que acabo de lhe offerecer do meu estudo sobre o panno de Tanger.

O ultimo conselho de S. Ex.<sup>a</sup> é que na minha qualidade de Academico, não me abalance nunca a fazer trabalhos para que não tenha a necessaria preparação.

¿ Mas, como se adquire a preparação ?

¿ Qual é o sabio que nasceu ensinado ? Só estudando é que julgo se pode chegar a saber alguma coisa. Salvo se S. Ex.<sup>a</sup> se quer referir á minha falta de preparação para saber remendar tapetes...

Apezar, porém, de não ter essa preparação, julgo que qualquer pessoa, nas minhas circunstancias, faria exactamente o mesmo que eu fiz, se tivesse a paciencia e coragem necessarias para estar dez dias de rastos como eu estive.

Foram em seguida tratados outros assumptos.

(1) A minha entrada em Portugal foi em 26 conforme se verifica no passaporte respectivo onde estão os carimbos da «Inspeccion de Vigilancia» em Valencia de Alcantara e o do «Servico de Emigración» em Beiram. — A. D.

## A TAPEÇARIA DA OCCUPAÇÃO DE TANGER

Comunicação feita por Affonso de Dornellas em sessão da Assembleia Geral da Associação dos Archeologos Portuguezes effectuada em 24 de Novembro de 1927.

**T**ENDO em preparação um trabalho extenso sobre as Tapeçarias existentes na Colegiada de Pastrana e que representam as façanhas do Rei D. Affonso V de Portugal, não tencionava fazer em separado qualquer comunicação sobre as mesmas tapeçarias senão depois do meu trabalho concluido, mas, a recente publicação na «Lusitania», interessantissima revista de estudos portuguezes, a isso me obriga.

Com o titulo «A Tapeçaria de Tanger», estudo incluído a paginas 155 a 161 da mesma revista e devido á auctoridade do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, concorre este illustre homem de sciencia com mais elementos para o estudo d'esta bella tapeçaria e que eu ainda poderei completar um pouco mais, não sahindo das reproducções com que S. Ex.<sup>a</sup> illustra o seu trabalho e onde se encontra um grande elemento para de facto justificar a sua classificação de que a mesma representa a occupação de Tanger.

Antes de entrar n'este assumpto, e já que por todos os lados vejo quebrar lanças por perioridades, não só falando nas descobertas e conquistas feitas no passado por mares nunca d'antes navegados, como nas descobertas e conquistas de conhecimentos de assumptos historicos e artisticos feitos nos nossos tempos, venho tentar—considerar-me descobridor de alguma coisa.

No «Boletin de la Sociedad Española de Excursiones» (Tomo XIV, Enero a Dic. 1906), a paginas 33 e com o titulo «Las Tapicerias de la Corona y de otras colecciones españolas», o illustre e sabio de reconhecido merito D. Elias Tormo y Monzó, referindo-se ás Tapeçarias de Pastrana que viu em Abril de 1906, diz serem de um interesse historico excepcional, dividindo-as em duas series, uma que atribue «con toda seguridad» ás glorias de D. Affonso V — o Africano — e a outra, que segundo lhe parece, se refere ás glorias do Infante D. Henrique, o navegador.

Esta interessante nota é extractada do trabalho acima citado da autoria do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos.

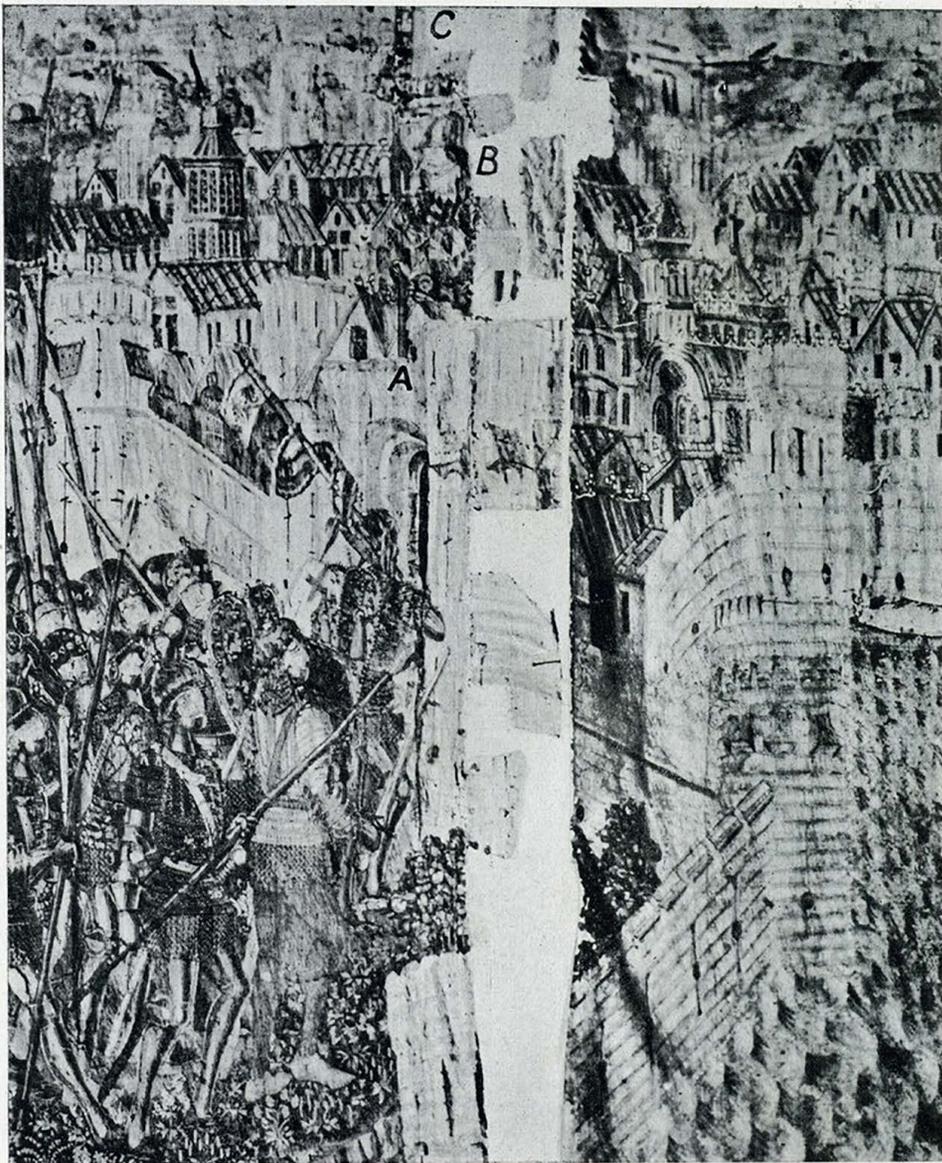
Não entrou o Sr. D. Elias Tormo y Monzó em detalhes para definir se atribuiu ás façanhas de D. Affonso V os trez pannos de Arzila e o de Tanger e os outros dois ás façanhas do Infante D. Henrique e que eu julgo representarem a Conquista de Alcacer Ceguer.

E' natural porém que S. Ex.<sup>a</sup> incorporasse o de Tanger na collecção de Arzila, attendendo a que immediatamente se vê que é da mesma epocha, que representa um facto com pessoas vestidas e armadas exactamente do mesmo feitio, que emfim a disposição e aspecto é o mesmo, incluindo até as mesmas bandeiras brancas com a cruz de S. Jorge, uzadas nas lanças.



As outras duas, as que eu attribuo á conquista de Alcacer Ceguer e que teem um aspecto diverso, é que com certeza, o sr. D. Elias Tormo y Monzó attribuiu á representação das façanhas do Infante D. Henrique. Em Portugal é que parece que de principio se desprezaram

as suas impressões sobre o assumpto diz : — Reservas de certa natureza e até um pouco de caracter diplomatico, impõem-me por emquanto, uma certa discreção. Estou preparando uma monographia que deve sair dentro de um mez ou pouco mais, em que dou todos



Parte central da Tapeçaria da Ocupação de Tanger, depois de ampliado com os pedaços encontrados a remendar as diferentes tapeçarias de Pastrana. A porta da fortaleza está encimada por A, indicando tambem o ponto onde está apoiada a lança sustida pelo vulto B e que em cima tem o estandarte C.

todas as tapeçarias existentes em Pastrana, que não tinham legenda á vista, pois o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José de Figueiredo, depois de ter ido a Pastrana na primavera de 1915, foi em 3 de Abril de 1917, entrevistado pelo Jornal «O Seculo» (edição da noite), que reproduzindo

os pormenores do facto e estabeleço a identificação das duas maravilhosas peças de arte que veem enriquecer os nossos thesouros artisticos. — Depois, sendo S. Ex.<sup>a</sup> interrogado do local onde se encontravam as duas tapeçarias, disse : — E'-me impossivel pelos melindres a que

ha pouco alludi, dizer-lhe já o local onde tive a fortuna de fazer o precioso encontro das duas magnificas peças d'arte. — Um pouco depois diz : — Trata-se de duas esplendidas tapeçarias, enôrmes, muito bem conservadas, representando a tomada de Arzila. Devem datar do seculo XV do tempo de Affonso V. —

Vê-se portanto, que inicialmente apenas foram considerados como representando factos portuguezes, os dois pannos que tinham a legenda á vista.

Não admira que tal succedesse porque as outras tapeçarias estavam tão cobertas de pó, tão desbotadas e tão cheias de nodoas e ainda por cima sem terem qualquer inscripção, que passaram numa visita rapida, sem serem classificadas por S. Ex.<sup>as</sup> os Srs. Drs. José de Figueiredo e Reynaldo dos Santos.

Depois, em 1924, o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos voltou a Pastrana, conforme diz a paginas IX do prefacio do seu livro «As Tapeçarias da Tomada de Arzila» 1925,

As palavras de S. Ex.<sup>a</sup> são: — Em outubro de 1924 voltei de novo a Pastrana e, de acordo com o meu antigo companheiro da inolvidavel tarde de 1915 [Dr. José de Figueiredo], não só pude estudar mais completamente as tapeçarias, mas faze-las photographar, emfim, em condições de serem reveladas em Portugal como mereciam. —

Do estudo de classificação feito por S. Ex.<sup>a</sup>, vem o resultado a pgs. 40 da sua obra citada, dividindo as tapeçarias da Collegiada em trez series. Citando a «Historia de Pastrana» do padre D. Mariano Perez y Cuenca, editada em 1871, que faz referencias ás diferentes tapeçarias ali existentes, diz:

—A 1.<sup>a</sup> [serie], a mais antiga, da segunda metade do seculo XV, embora talvez a ultima que para lá foi, é a dos trez pannos da *tomada de Arzila*.

—A 2.<sup>a</sup> [serie], a mais bella, a que elle [Padre D. Mariano Perez y Cuenca] chama «*guerras de las cruzadas*», é a dos seis admiraveis pannos da tapeçaria franceza do começo do seculo XVI.

A 3.<sup>a</sup> [serie], emfim, a melhor conservada, é a que D. Rodrigo, Capitão da Cavaleria das Flandres, comprou em Antuerpia e deixou em testamento á igreja de Pastrana em 1596. São oito pannos da 2.<sup>a</sup> metade do seculo XVI, com o monograma de François Geubels, célebre tapeceiro de Bruxellas.

Em face desta classificação do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, vamos rapidamente analisar as trez series.

Da 1.<sup>a</sup> serie fazem parte as duas que estão quasi completamente nitidas por estarem pouco desbotadas e por não terem nodoas e muito principalmente por terem legenda bem clara. Teem-se conservado na antiga Sala do Capitulo onde cobrem completamente as paredes. A terceira desta primeira serie é a que tem estado dividida ao meio, tapando as paredes lateraes da Capela Mór da Egreja e com aberturas para dar passagem ás portas da Sacristia e do vestibulo.

A disposição geral deste panno é exactamente a mesma do panno do Assalto á Praça de Arzila, não tendo

feito falta para a sua interpretação a parte da legenda que em outubro passado lhe puz á vista e que indica que representa o bombardeamento da praça.

Em todo o caso o seu mau estado de conservação não deixou que fosse classificada em 1915 conforme se verifica pelas transcripções que acima fiz da entrevista do Sr. Dr. José de Figueiredo publicada no «Seculo». Foi portanto classificada pelo Sr. Dr. Reynaldo dos Santos em 1924.

A 2.<sup>a</sup> serie a que S. Ex.<sup>a</sup> alude, que classifica de mais bela e que diz compor-se de seis admiraveis pannos de tapeçaria franceza do começo do Seculo XVI, é que foi mal classificada.

Esta serie, como S. Ex.<sup>a</sup> lhe chama, não se compõe de seis pannos, mas sim de trez que a fatalidade quiz que fossem cortados aproximadamente ao meio, d'ahi o julgar que eram seis. Um é exactamente da mesma epocha dos de Arzila. É aquelle que tinha um grande remendo, que eu gritei bem alto que se referia a um assunto portuguez e que me equivoquei dizendo representar a entrega dos ossos do Infante Santo D. Fernando.

Os outros dois representam a tomada de Alcacer Ceguer.

Na sessão da Classe de letras da Academia das Sciencias de Lisboa effectuada em 11 de Fevereiro de 1926, eu disse que trez pannos existentes em Pastrana e que não tinham sido classificados pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. José de Figueiredo e Reynaldo dos Santos, como referindo-se a Portugal, representavam de facto assuntos Portugueses.

Foi o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos imediatamente a Pastrana e veiu dizer que esta tapeçaria que eu dizia representar a entrega dos ossos do Infante Santo em Arzila, representava a occupação de Tanger. Tinha S. Ex.<sup>a</sup> razão, eu é que tinha errado.

Em Hespanha foi o Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Elias Tormo y Monzo que primeiro disse que todos aquelles pannos representavam assumptos Portugueses. Em Portugal sou eu que tenho a perioridade de classificar de representativos de assumptos portuguezes os trez pannos que o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos disse serem seis e que classificou na segunda serie.

A 3.<sup>a</sup> serie, nada tem com assuntos Portugueses e sobre eles falarei. Representam a entrega das chaves d'uma cidade pelo Rei vencido ao Rei vencedor.

Sobres estas trez series, a pags. 18 do livro citado «As Tapeçarias da Tomada de Arzila» diz o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos: — Na igreja de Pastrana, onde hoje se encontram (*como mais duas series de pannos que nada teem que vêr com estes*) as tapeçarias de Arzila estão infelizmente expostas em lastimaveis condições de apresentação, luz e até de conservação, que tornam difficil vê-las, quanto mais estuda-las.

Fica portanto bem demonstrado que o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos só achou a Tapeçaria de Tanger em Pastrana depois da minha denuncia feita na Academia das Sciencias de Lisboa em 11 de Fevereiro de 1926.

\*

\* \* \*

Quando da Conferencia do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos no Salão do Teatro de S. Carlos em 24 de Fevereiro de 1926 em que S. Ex.<sup>a</sup> apresentou as suas razões muito acertadas de que a tapeçaria do grande remendo representava a occupação de Tanger, eu planeei immediatamente responder, como de facto fiz no dia seguinte na Classe de Letras da Academia das Sciencias de Lisboa, resposta que foi publicada nos Jornais «A Epoca» de 26 e «Diário de Noticias» de 27 seguintes.

Ora, nessa altura, sobre a classificação da occupação de Tanger, entre varios argumentos que afinal não tinham razão de existir, porque estava laborando num erro, eu disse:

— Ainda me parece muito exquisto que a cavallada que foi occupar Tanger não levasse um estandarte real para içar na Praça, ou ainda que esta tapeçaria não representasse o hastear de uma bandeira numa das torres da mesma Praça. Não pode admitir-se que seja a occupação de Tanger por não existir um só estandarte portuguez em toda a tapeçaria.

Mais adeante digo:

— Ha razão para supôr que houve outras tapeçarias referentes às façanhas de D. Affonso V, pois que apparecem fragmentos a remendar as que existem, que certamente fizeram parte de assumptos portuguezes. N'esta mesmo, que eu considero da entrega dos ossos, ha um pequeno remendo que incluí um bocado de um pendão real Portuguez. —

Parece que advinhava a verdade.

E' aqui que está o motivo d'este meu rapido estudo.

Eu não comprehendia que se occupasse Tanger sem que primeiro do que tudo se lhe collocasse um estandarte real. Tanto tenho lido sobre tomadas de praças dentro de Portugal, na Asia, em Africa, na America, e sempre vi a preocupação da colocação da bandeira real. Na propria collecção de Arzila, no panno que representa o assalto, o primeiro Portuguez que lá entrou, lá está representado collocando a hasta da bandeira real sobre a muralha e então, n'um panno exactamente da mesma epocha e onde estão muitas das mesmas pessoas, desde que se tratasse da occupação de Tanger, não deveria estar um Portuguez a collocar um estandarte sobre a muralha?

Eu bem sei que o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, depois do seu exame directo á tapeçaria, em Fevereiro de 1926, veio dizer que se tratava da occupação de Tanger, não se prendendo com a falta da bandeira real, conforme o diz no seu trabalho publicado no numero da «Lusitania» de Outubro passado, mas eu é que não me convenci de prompto.

Depois, quando da occupação de Tanger, os mouros já tinham sahido ha dias e na Tapeçaria representa-se a scena simultaneamente. Depois, ha umas poucas de creanças logo no primeiro plano que lembravam os

filhos de Mulex Xeque que ficaram prisioneiros quando da Tomada de Arzila e foram restituídos quando da entrega dos ossos do Infante Santo. Além d'isso eu via remendos que me pareciam ser d'outras tapeçarias que tratavam de assumptos Portuguezes, emfim, eu tinha razões para supôr que este panno não representava a occupação de Tanger.

Mais tarde convenci-me de que não podia de facto ter por assumpto a entrega dos ossos por chegar á conclusão de que o remendo não representava o que primeiro imaginei.

No Congresso Scientifico que em Maio de 1927 se effectuou em Cadiz, alludi á minha hypothese e á de que fosse a occupação de Tanger dizendo que o assumpto necessitava ainda de ser estudado com tanto cuidado como foram os assumptos representados nos outros pannos. Cheguei a dizer que como este panno — *está deterioradissimo, é natural que traga surpresas* — depois de bem estudado.

Já n'esta occasião eu suspeitava que se referisse de facto á occupação de Tanger, pois n'um exame minucioso que fiz ás provas photographicas que possuia eu encontrei em certo ponto o suficiente para me convencer de que se tratava da referida occupação.

Ainda depois de regressar do Congresso e quando desenhei minuciosamente a lapis uma ampliação da photographia, não defini bem esse ponto por ser má a chapa photographica e muito pouco nitida toda ella.

Tinha dois processos de resolver o caso, mas era necessario voltar a Pastrana. Um, era definir á vista do panno, se o ponto duvidoso daria o que eu imaginava e outro, era verificar bem o colorido das bandeiras e balsões. Se fosse possivel fazer uma identificação por essas cores e estudando os factos notaveis das Praças d'Africa no fim do Seculo XV, sabendo quem tinham sido os protagonistas d'esses factos, eu chegaria a uma conclusão accetavel.

Quando em 25 de Julho ultimo, fiz uma communição na Associação dos Archeologos, apresentando os meus cartões illuminados, representando as seis tapeçarias reconstituídas no colorido, tornei a fallar na possibilidade de representar o panno em questão, a occupação de Tanger.

Se eu inicialmente tivesse em meu poder uma prova photographica d'esta tapeçaria como aquella que possui o Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, eu não vacillava mais e não esperaria pela minha nova viagem a Pastrana para definir o assumpto.

Ao ver agora publicado na «Lusitania», o trabalho do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, onde incluye reproduções feitas em face das photographias, lá vi, na primeira metade do panno, no canto superior da direita do observador, por cima da porta da fortaleza para onde se encaminha a cavalgada e por onde vae a entrar um porta-guião, um vulto uniformisado exactamente como os outros que vão entrar, segurando com as duas mãos uma haste que lá no alto tem a franja d'uma bandeira.

Foi isto que me faltou quando insisti que se tratava de tudo menos da tomada ou occupação d'uma praça e foi isto que eu suspeitei depois por leves referencias que se divisavam nas provas fotograficas que possuia.

Claro está que agora já eu sabia d'isto, porque o mez passado, em Pastrana, vi claramente o que a fotografia do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos indica e vi o resto quando desdobrei uma larga tira superior da tapeçaria, quando descobri pedaços com trinta centimetros de largo que coloquei em toda a altura entre esta metade e a outra que completa o tapete e quando lhe coloquei um pedaço que aparece nas fotografias antes da restauração que lhes fiz, no bordo superior, lá no alto, por cima do chefe da cavalgada e que quasi completa a bandeira real que marca a posse de Tanger por D. Affonso V.

Em 23 de Outubro ultimo, apresentei ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Instrução Publica de Espanha o pequeno relatorio do que descobri e do que fiz durante os dez dias em que estive em Pastrana e em 1 de Novembro corrente apresentei um relatorio mais desenvolvido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro da Instrução Publica de Portugal. Em qualquer destes dois relatorios me refiro á tapeçaria da occupação de Tanger com pleno conhecimento de causa.

A hipotese, portanto, do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, de que este panno representava a occupação de Tanger sahiu certa, pelo que o felicito.

Á visão do Sr. Dr. Reynaldo dos Santos chamo hipotese, porque S. Ex.<sup>a</sup> não tinha elementos concretos. Nem legenda, nem naturalmente conhecimentos heraldicos para definir as pessoas que ali figuram, nem viu a figura que está na muralha por cima da porta, conforme claramente se depreende da leitura do seu trabalho.

O Sr. Dr. Reynaldo dos Santos na segunda pagina do que publica na «Lusitania», diz que não definiu immediatamente esta tapeçaria pelas seguintes razões:

—A ausencia porém das personagens principais, como o Rei e o Principe que figuravam nas outras composições, a falta dos escudos, emblemas e estandartes de Portugal que cominavam nos panos de Arzila como uma obsessão, o aspecto, emfim, muito diverso da

cidade que a tapeçaria não identificada oferecia, levaram-me a exclui-la da serie da tomada de Arzila, deixando-a como um dos problemas que Pastrana encerra. —

Mais adiante descrevendo a chegada da cavalgada, S. Ex.<sup>a</sup> diz :

— A hoste está ás portas da cidade e um alferes com um balsão vermelho e amarelo enrolado na haste, adarga ás costas, gibanete azul, transpõe uma d'ellas. Seguem-se-lhe outros cavalleiros, uns a pé com lança ou espada desembainhada no ar, etc...

Mais adiante diz :

— Novo ainda, cara rapada, busto elegante, ricamente armado e montado em attitude de destaque na composição, é evidentemente D. João, condestabre do reino desde 1460, filho do Duque e que segundo o chronista [Ruy de Pina], commandava a cavalgada, tendo-a conduzido por encargo do Rei que só alguns dias depois foi visitar a cidade. Por isso não figuram aqui nem D. Affonso V nem o Principe, e entre os estandartes azues, vermelhos e amarells, não figuram os de Portugal ou o pendão regio, ao contrario do que succede em todas as tapeçarias de Arzila, em que desde o mar coalhado de naus e fustagem até á tranqueira eriçada de balsões, com os castellos, as quinas e o rodizio espargindo lagrimas (ou a roda de St.<sup>a</sup> Catharina) por toda a parte domina evocação dos emblemas nacionaes. Foi esta ausencia de personagens e pendões reaes (que a identificação agora explica), que me fez affastar, logo de inicio, uma ligação directa com Arzila, embora hesitando na sua interpretação. —

Por consequencia o sr. Dr. Reynaldo dos Santos estudando minuciosa e directamente a tapeçaria e ainda por cima tendo uma prova photographica, tão nitida, que ainda, transportada para photogravura, nos indica um Portuguez sobre a muralha empunhando uma bandeira, não viu o unico elemento que torna a sua conjectura em realidade.

Ainda bem que sou eu que venho confirmar com provas a sua opinião hypothetica, pondo absolutamente de parte tudo quanto disse sobre a minha suposição de que a mesma tapeçaria representava outra coisa que não fosse a occupação de Tanger.

